

AS MURALHAS Os principais zagueiros-centrais do Tricolor



a revista oficial do

São paulo

www.saopaulofc.net

Nº 119 - R\$6,00



Telê Santana:
o mestre das
conquistas
mundiais

**DIEGO
LUGANO**
Disposto a
suar sangue
pelo time

10 anos do Bicampeonato Mundial



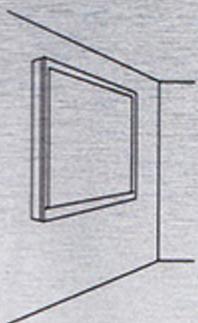
**PIETRA
BERTOLAZZI**
"Luís Fabiano
é o atleta do
meu coração"

ENCARTE
Reprodução
completa da
revista nº1

E mais Palhinha • Zetti • Fernando Meligeni • Marketing Best 2003



É UMA ESPÉCIE DE TROFÉU.
SÓ QUE EM VEZ DE COLOCAR NA PRATELEIRA,
VOCÊ PÕE NA PAREDE.



Telas de plasma LG. Design inovador e a maior linha do mercado: 40", 42", 50" e 60", a partir de 7,8 cm de espessura. Alta definição de imagem. Formato 4x3 (convencional) e 16x9 (widescreen). Conexão para computador, vídeo, DVD, câmera, games e compatibilidade com TV digital.

www.lge.com.br

LG. DIGITAL POR VOCÊ.



Digitally yours

EXPEDIENTE

Presidente do Conselho Deliberativo

Luiz Cássio dos Santos Werneck

Vice-Presidente do Conselho Deliberativo

Claudio Aidar

Presidente do Conselho Consultivo

Ives Gandra da Silva Martins

Presidente do Conselho Fiscal

Edison Richelmo Zago

Presidente da Diretoria Executiva

Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa

Jornalista Responsável

Carlos A. Bortole Mtb 29442

Editor

Carlos Mesquita

Secretária de redação

Ana Carolina Coutinho (textos e produção)

Colaboração

Ana Paula Andrade, Andréa Longue, Cinthia Gagliardi, Dorinho (charge), Francisco Santos, Igor Amorim e Juca Pacheco

Produção

Ingrid Oldenburg (maquiagem)

Reportagem

Alessandro Gonçalves, Clarissa Vassimon, Fernando Savaglia e José Antonio de Almeida

Colunistas

Agnelo Di Lorenzo (arquivo histórico) e Paulo Planet Buarque

Fotógrafos

Rubens Chiri/Perspectiva e Tatyana Alves

Arte

Celso Andrade, Daniela Salvador, Marco Basile e Rogério C. Macadura

Ouvidor SPFC

José Alfredo Madeira Simões
ouvidor@saopaulofc.net

São Paulo Futebol Clube

Estádio Cícero Pompeu de Toledo
Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01
Cep 05653 - 070
Telefone 0xx11 3749-8000
(Publicação Bimestral)

A Revista Oficial do São Paulo é uma publicação da Diretoria de Comunicações

Edição

HMP Marketing Editorial Ltda
Fone: (0xx11) 3866-2770

Impresso pelo processo direct-to-plate por Prol Indústria Gráfica Ltda



Índice

04 Índice

06 Imagens

Toninho Cerezo corre para comemorar seu gol diante do poderoso Milan

08 Zetti

O goleiro dos títulos mundiais fala das curiosidades vividas no Japão

12 Por onde anda

Hoje com 35 anos, Palhinha ainda está em atividade

14 Zagueiros

Todos os centrais que vestiram a nossa camisa

18 Personalidade tricolor

Fernando Meligeni despede-se das quadras em alto estilo

20 Bimundial

Os dez anos da conquista

30 Paixão Tricolor

As revelações da modelo

Pietra Bertolazzi

32 Bastidores

Veja como a redação do diário esportivo *Lance!* trabalha para

produzir uma reportagem

36 Perfil

O uruguaio Diego Lugano tem cara de bravo, mas esbanja simpatia

40 Campeonato

As últimas partidas no Brasileirão 2003 e na Copa Sul-Americana

44 Notícias do Tricolor

Garotos do São Paulo detonando no Japão, mascote novo, Marketing Best 2003, Paulo Planet Buarque, Epopéia do Morumbi...

Editorial

OS DEZ ANOS DO BIMUNDIAL

Este ano, os tricolores comemoram os dez anos do bicampeonato do Mundial Interclubes. Em 12 de dezembro de 1993, o São Paulo Futebol Clube venceria de forma fantástica o poderoso Milan, uma façanha que para sempre ficou registrada na história do esporte e na memória de nossos torcedores.

Para lembrar esse glorioso feito, a **Revista Oficial do São Paulo** entrevistou dois atletas que estiveram presentes à conquista. Descobrimos o paradeiro de Palhinha, autor do primeiro dos três gols que garantiram o título, e conversamos com o ex-goleiro Zetti. Em uma matéria especial, o atacante relata algumas sensacionais passagens daquele episódio. Enquanto Zetti, um dos arqueiros mais importantes e vencedores do futebol nacional, revive aqui parte de suas experiências no Japão e de toda a sua carreira. Titular absoluto da camisa número 1 são-paulina nas duas conquistas, foi o jogador que segurou o ataque italiano nos momentos de maior pressão.

Afora esses dois personagens, a reportagem de capa traz um raio x completo e imperdível daquela final, apontada por muitos como uma das mais emocionantes da Toyota Cup. Além disso, você conhecerá um pouco mais sobre o uruguaio Diego Lugano e os grandes zagueiros que já vestiram a camisa tricolor. Também mostramos como um veículo de comunicação produz uma reportagem. Para isso, acompanhamos a equipe do diário de esportes *Lance!* durante um dia de trabalho. Esta é uma edição para você guardar no melhor lugar de sua coleção de materiais são-paulinos. Boa leitura!

Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa
Presidente



A PRIMEIRA DE TODAS

Neste mês que celebramos os dez anos do bicampeonato mundial, nada mais próprio que brindar o leitor com o exemplar n.º 1 da Revista Oficial do São Paulo Futebol Clube, publicado em 1949. Hoje, com 54 anos de vida e chegando ao número 119, podemos constatar que, apesar de todas as dificuldades, o São Paulo continua fiel à memória de seus antecessores. Esperamos que você goste do presente e se divirta.

EXEMPLAR ORIGINAL CEDIDO PELO PRESIDENTE MARCELO PORTUGAL GOUVÊA



No lugar mais alto pela segunda vez

Um ano depois de vencer o poderoso Barcelona de Johan Cruyff no final do Mundial Interclubes de 1992, o São Paulo foi a Tokyo ser coroado bicampeão



12 de dezembro de 1993

O MELHOR DE CAMPO

Melhor jogador depois das duas etapas do mundial: o goleiro Zetti. O São Paulo venceu o jogo e a vitória ficou por conta do atacante Müller, o que empurrou o São Paulo para o topo.

A ordem é celebrar

Esta é uma edição histórica e muito saborosa, pois celebra os dez anos da conquista do bicampeonato do Mundial Interclubes. O São Paulo chegaria ao primeiro título em 1992 após bater o milionário Barcelona. Manter-se-ia no topo um ano depois ao derrotar ninguém menos que o todo-poderoso Milan. Pensando nessa data especial e inesquecível, produzimos uma revista temática. Essa importante epopéia do Tricolor do Morumbi, conduzida pelo velho mestre Telê Santana, é narrada ao longo de nossas páginas e matérias. O relato começa na seção Imagens, passa pelo Por Onde Anda, pelas páginas amarelas da entrevista especial até chegar à reportagem de capa.

Você poderá matar saudade do gol de Cerezo, saber o paradeiro de Palhinha, conhecer algumas curiosidades de bastidores contadas por Zetti e, por fim, lembrar como foi aquela irresistível vitória na Ásia. Tudo, absolutamente tudo está retratado aqui - desde o apito inicial do árbitro francês Joel Quinou até a entrega da taça Toyota Cup ao capitão Ronaldo - por meio de textos e imagens.

Como num intervalo de primeiro para segundo tempo de jogo televisionado, fizemos questão de reavivar os principais momentos daqueles 90 minutos de pura adrenalina, dos quais o terceiro gol - feito por Müller aos 41 da etapa complementar de maneira sensacional e sem dúvida alguma assistida pelos deuses da bola - foi o ápice da emoção.

Depois de marcar, o brasileiro desabafou. Afinal, vinha o tempo todo suportando as provocações e as declarações de um Costacurta tomado pelo sentimento de superioridade. Com os dedos em riste e na direção do italiano, Müller disparou: "Questo gol é per te, buffone (este gol é para você, palhaço)". Certamente nunca mais Costacurta, nem seus conterrâneos, esqueceu-se disso. Assim como nós. Naquela vez, verdadeiramente pusemos o coração no bico das chuteiras como pouco se viu e corremos para o abraço. E foi um dos abraços mais sensacionais e importantes da saga do clube. Foi uma vitória suada e deliciosa de um dos mais respeitados e adorados times de futebol do planeta bola.

Imagens





NERVOS DE AÇO

O Milan pressionava. Queria o segundo gol a qualquer custo. Mas, aos 14 minutos do segundo tempo, num contra-ataque fulminante, foi o São Paulo que marcou. A jogada foi construída por Leonardo na lateral-esquerda. Cerezo apareceu livre e fuzilou Rossi. O gigante arqueiro italiano ficou desolado. Havia, porém, emoções ainda mais fortes reservadas para aquela partida. Realmente foi uma final épica de Mundial Interclubes, como pouco se viu

"No Japão, as pessoas vibravam até com o replay"

Zetti, um dos maiores ganhadores de títulos da história do clube, revela algumas passagens curiosas das conquistas mundiais do São Paulo

FOTOS INÁCIO TEIXEIRA

O número 1

Por Fernando Savaglia

Depois de construir uma das mais respeitadas carreiras de jogador, Armelino Donizetti Quagliatto, o Zetti, hoje é técnico e comanda a equipe do Paulista Futebol Clube de Jundiaí.

O ex-goleiro foi peça fundamental na equipe do São Paulo que encantou o mundo sob o comando de Telê Santana nos anos 90. Teve participação decisiva na conquista de muitos títulos, como o da Libertadores em 1992, quando defendeu um pênalti do time argentino do News Old Boys. Esbanjando carisma, ele contou histórias inéditas e divertidas, guardadas há muito tempo em sua memória. Boa parte das passagens relatadas aqui ajudou o São Paulo a conquistar os campeonatos mundiais. E rendeu a ele a condição de um dos goleiros com a maior coleção de vitórias conseguidas em um clube.

Quando chegou ao São Paulo, você tinha acabado de passar por um momento difícil na sua vida profissional. O que aconteceu exatamente?

Quebrei a perna em 18 de novembro de 1988. Fiquei o ano seguinte me recuperando da contusão. No último semestre, voltei ao Palmeiras para brigar pela posição de titular. O Leão, que era o treinador, achou que eu deveria revezar no banco. Isso me causou estranheza. Pois eu tinha feito um bom trabalho no ano anterior. No Paulista de 88, fiquei 13 jogos sem tomar gol (1238 minutos, recorde paulista e quinto mundial reconhecido pela FIFA). Queria a chance de voltar a ser titular. Me desentendi com o Leão e fui afastado. Tive de treinar separado. A opção era ser emprestado a outro time, o que acabou não acontecendo. Estava sem receber, meu contrato tinha acabado e o clube não me liberava, não me pagava

nem me emprestava. É importante frisar que não era o clube que fazia isso, mas sim a absurda lei do passe, contra a qual lutei muito. Foi um período complicado em que minha família me ajudou muito, principalmente minha esposa.

Pensou em desistir de jogar? Com a ajuda de um amigo, consegui comprar meu passe um ano e oito meses depois. Tive uma passagem de um mês pela Suíça. Lá, joguei no Servete. Em seguida, fui treinar no Atlético Madrileno. Nesses dois clubes, as pessoas olhavam com desconfiança para mim. Eles não entendiam por que eu, apesar de ter feito um bom trabalho no Palmeiras, tinha ficado quase dois anos sem jogar. Nessa época, me passava pela cabeça que, se não desse certo, iria parar.

Como foi o namoro com o São Paulo?

Eu tinha uma carta assinada pelo Nicola Racciopi, diretor do Palmeiras na época, que só me libe-

raria se eu não fosse para o São Paulo. Caso isso acontecesse em menos de três meses, teria de pagar uma indenização ao Palmeiras. Como até então eu não tinha nada com o São Paulo, não dei muita bola para a cláusula. Quando voltei ao Brasil, recebi algumas propostas que não me interessaram muito. Um dia, o Valdir de Moraes (*auxiliar-técnico de Telê Santana nas conquistas dos mundiais*), que estava trabalhando no Paraná Clube, me ligou perguntando como eu estava, pois alguns diretores do São Paulo o haviam procurado para se informarem sobre mim. O Valdir me avisou que eles iriam me ligar. A espera por aquele telefonema foi uma tortura (*risos*). Estava desesperado para assinar com um grande clube. Na época, o São Paulo passava por uma reformulação. Terminei sendo o primeiro a chegar. Fiz um contrato em que abria mão das luvas. Ganharia só o salário por

três meses. Estipulei o valor de meu passe e dei a opção de o clube me contratar ao final daquele período. Três meses depois, já era o titular do time. A partir do momento em que entrei no São Paulo, minha vida deu uma guinada.

O São Paulo chegou a ser vice-campeão brasileiro em 1990. Era possível sentir que aquele grupo conquistaria tantos títulos?

No início daquele Brasileiro, a equipe não vinha bem. Aos poucos, foi se reformulando durante o campeonato. Começamos a subir de produção de repente. Quando vimos, estávamos na final do Brasileiro. Foi uma ascensão maravilhosa. Lembro que fui o goleiro menos vazado daquele campeonato. Outro aspecto importante foi manter a base do time para a disputa do nacional do ano seguinte, quando fomos campeões. O Telê tinha todos os jogadores na mão.

Qual é a diferença entre uma equipe que ganha título e uma que marca época?

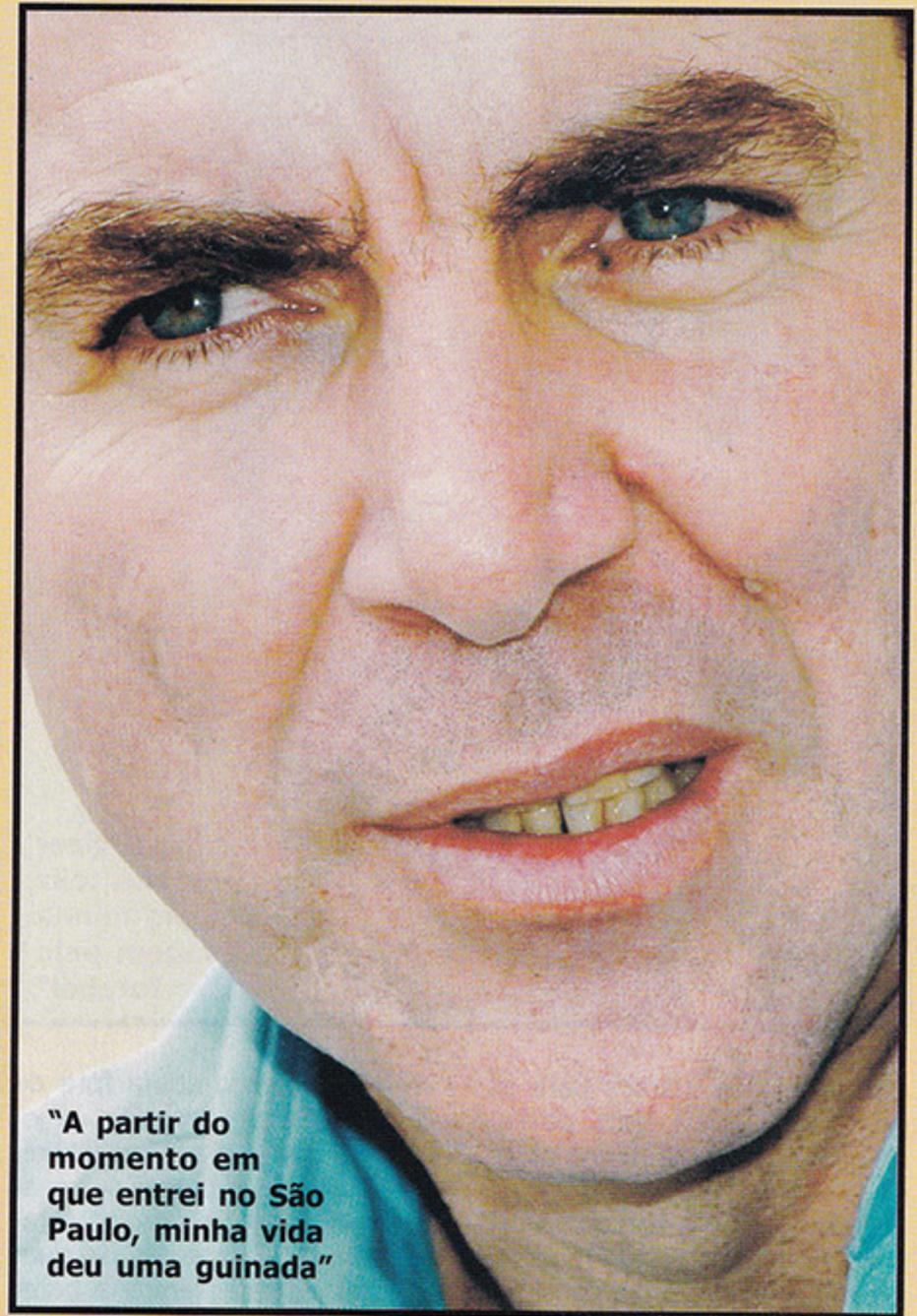
Tínhamos uma união de família. Lembro que acabavam os jogos e saíamos juntos. No final do ano, combinávamos de viajar para a praia. Íamos sete ou oito casais. Não tinha dinheiro que pagasse nossa amizade, nossa união. Era uma coisa que transcendia o profissionalismo. É claro que, para ganhar jogos, é preciso haver

Assim, o Valdir tinha as informações de quem efetuava as cobranças e de que maneira faziam isso. Mas eu não tinha como decorar como cada jogador cobrava. Além do mais, não acreditava que a partida fosse resolvida assim. Acha-va que decidiríamos no tempo normal. Acabamos indo para os pênaltis. O Alexandre, meu reserva, ficou com a incumbência de sinalizar do meio-de-campo como o adversário iria bater de acordo com as anotações do Valdir. Acertei quatro vezes os cantos e acabei defendendo o último. Foi um momento de tensão. Eram 120 mil pessoas gritando meu nome. Eu tinha de pegar um de qualquer jeito *(risos)*.

Na final do Mundial Interclubes contra o Barcelona, vocês foram provocados pelos jogadores adversários. Contra o Milan aconteceu a mesma coisa?

Contra o Barcelona, o Stoichkov falou que o bicho deles seria muito maior que o nosso. Com o Milan, o clima foi esquentando no decorrer do jogo. Eles achavam que nunca iríamos ganhar. Mas a maior provocação foi para o Müller, que já havia jogado na Itália. Ele nunca foi de xingar. Naquele oportunidade, não agiu de maneira diferente. Agüentou todas as provocações calado. Mas, quando fez o gol, explodiu.

O que você estava usando embaixo dos olhos?



"A partir do momento em que entrei no São Paulo, minha vida deu uma guinada"

"Eu tinha uma carta assinada pelo Nicola Racciopi, diretor do Palmeiras na época, que só me liberaria se eu não fosse para o São Paulo"

talentos. Mas, para ganhar títulos, tem de existir união. Ser uma verdadeira família.

É possível exprimir em palavras a sensação que é defender um pênalti numa final de Libertadores, como naquela contra o News Old Boys?

Me emociono toda vez que vejo aquelas imagens. O Valdir de Moraes acompanhou várias partidas do News. E fez muitas anotações sobre como o time jogava. Coincidentemente, por duas vezes a equipe avançou na competição via disputa de pênaltis.

Quando fomos treinar para o jogo do Barcelona, percebi que o sol do meio-dia era muito baixo e atrapalhava a visão. Não adiantava usar o boné. Não sabia o que fazer para minimizar o problema. Um dia antes do jogo, estava na concentração assistindo a uma transmissão da TV japonesa de uma partida de futebol americano. Notei que todos os jogadores usavam uma pasta negra embaixo dos olhos. Descobri que era exatamente por causa do sol. Foi então que acabei improvisando. Arrumei um lápis de olho. Passei e me ajudou muito. Duro foi tirar aquilo depois *(risos)*.

Muito gente ficou intrigada na transmissão da televisão. Chegaram a levantar a hipótese de eu ter brigado na concentração *(risos)*. Contra o Milan, consegui a pasta que os jogadores de futebol americano usavam.

O Milan pressionou o São Paulo muito mais do que o Barcelona. O desgaste físico da equipe, que naquela temporada de 93 disputou quase 100 partidas, colaborou?

Fui o jogador que mais atuou pelo São Paulo naquele ano. Ao todo, joguei 79 partidas. Lembro que cheguei a atuar numa quarta-feira pelo Paulista. No dia seguinte, joguei pela Copa do Brasil em Maceió. Mas o São Paulo havia se estruturado para disputar todos os campeonatos. Por isso, tínhamos dois times. Por sinal, duas grandes equipes. Tanto é que, no ano seguinte, o expressinho conquistou a Conmebol. Já a equipe principal dava prioridade à Libertadores e ao Mundial. Um time que disputa a Libertadores tem de fazer um planejamento. Do con-

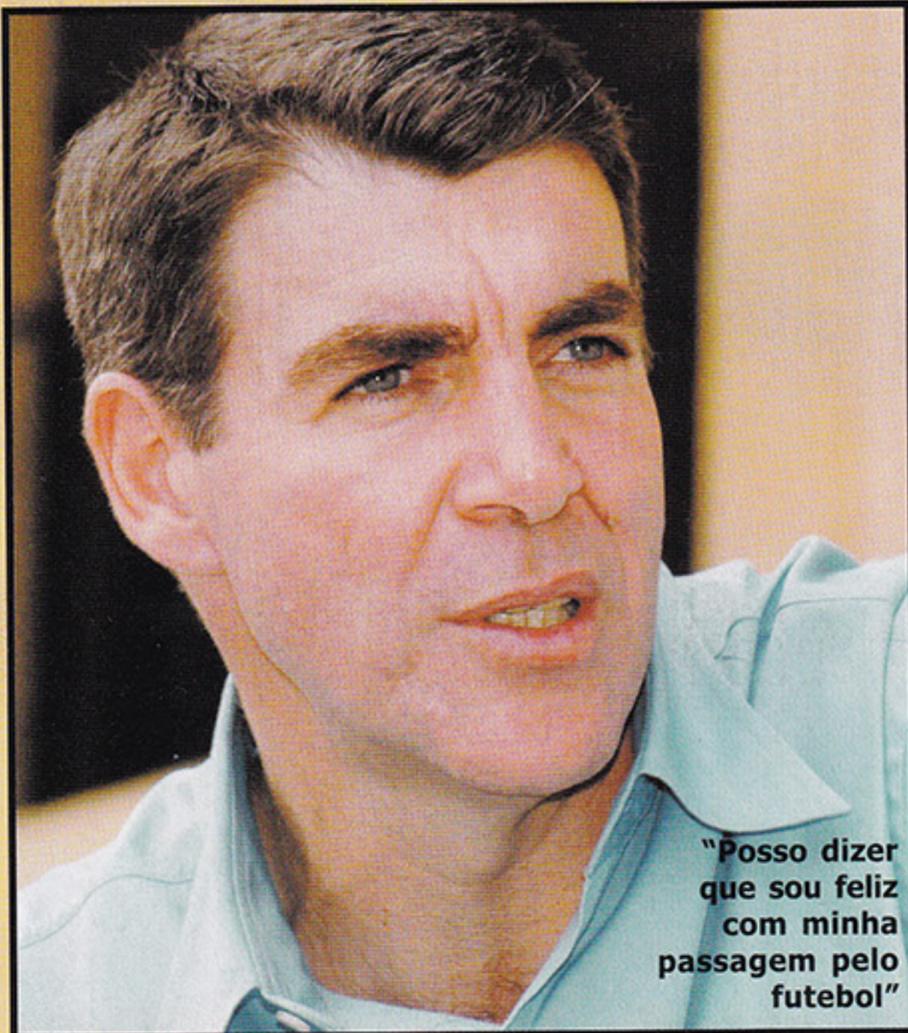
trário, fica difícil.

Como foi a preparação para os jogos em Tóquio?

Tudo foi muito bem-organizado. A cozinheira era brasileira e a comida foi levada daqui. Aterrissamos no Japão uma semana antes para nos adaptarmos ao fuso horário. Para o jogo do Milan, lembro que, assim que chegamos ao hotel, o Moracy Sant' Anna *(preparador-físico do São Paulo naquela oportunidade)* nos pôs para treinar. Isso acabou dando um excelente resultado. No quarto dia, já estávamos completamente adaptados.

Por terem sido campeões no ano anterior, vocês estavam mais confiantes diante do Milan?

Estava mais tenso no jogo contra o Barcelona, porque saímos perdendo por 1 a 0. Eles tinham um supertime. Mas acabamos fazendo a diferença nas jogadas individuais. Contra o Milan, estava muito mais confiante. Os gols foram saindo naturalmente. Quando eles empataram por 2 a 2, faltando sete ou oito minu-



"Posso dizer que sou feliz com minha passagem pelo futebol"

tos, achei que iríamos para os pênaltis. Naquela hora, passaram mil coisas pela minha cabeça.

E quando saiu o terceiro gol?

O gol do Müller saiu de repente. De onde estava, não consegui entender direito o que havia acontecido. Fui ver o lance na reprise. No Tokio Prince (*estádio em que foi disputada a partida*), existiam dois telões. Era um de cada lado do campo. Se acontecia alguma jogada de perigo ou uma defesa, era engraçado porque a torcida fazia oh. Um segundo depois, mesmo com a bola em jogo, quando o lance era passado de novo, os torcedores repetiam o oh (*risos*). No Japão, as pessoas vibravam até com o replay.

Como era trabalhar com o Telê Santana?

O Telê foi o melhor treinador com quem já trabalhei. Era um técnico diferenciado. O mais conservador. Bem paizão. Preocupava-

se muito com o atleta fora de campo. Sempre orientava os jogadores como investir o dinheiro, além de nos passar sua vasta experiência. Se o treino estava marcado para às 9h, ele queria que começássemos a bater bola 30 minutos antes. Como ninguém, sabia trabalhar e aprimorar o potencial de seus comandados. Dormia no CT e acompanhava tudo que acontecia diariamente. Era perfeccionista. Mandava cruzar dez bolas. E tínhamos de acertar as dez. A seriedade com que encarava seu trabalho refletia em nós. Por outro lado, contava piada e casos engraçados de sua vida. Hoje, uso muitas coisas que aprendi com ele com meus jogadores.

Mesmo com sua fantástica coleção de títulos, você tem alguma frustração no futebol?

Se falasse que não tenho, estaria mentindo. Acredito que reu-

nia condições de ser o titular nas eliminatórias da Copa de 94. Era meu grande momento. Vinha de dois campeonatos mundiais pelo São Paulo, duas Libertadores, duas Recopas. O Brasil todo pedia minha condição de titular. É uma frustração. Mas sempre soube respeitar o que aconteceu. O Taffarel é meu grande amigo. Passamos muitas coisas juntos. Ele era o jogador de confiança do Parreira. Afinal, já havia disputado uma Copa do Mundo. Mas posso dizer que sou feliz com minha passagem pelo futebol. Ganhei quase tudo que podia, com exceção da Copa do Brasil. Até porque, na minha época, não se dava a importância que ela tem hoje.

Como você se preparou para abandonar a carreira de jogador?

Sinceramente, não sinto saudade de disputar campeonatos. Depois que saí do Fluminense, já vinha me questionando se deveria continuar ou não. Acabei ficando sem jogar na Copa João Havelange. A seguir, tive uma experiência fantástica num Campeonato Paulista pela Barbarense. Lá, recebi um enorme carinho da torcida. Não fui para resolver nada. Simplesmente, jogava pelo amor que tenho ao futebol. Consegui dar valor a outras coisas. Me transferi ao Sport Recife para disputar a Copa do Nordeste, onde permaneci três meses numa situação difícil em relação a atraso de salários. Isso foi a gota d'água. De repente, me percebi achando defeito em tudo, o que começou a me incomodar. Voltei para São Paulo ainda confuso. Foi quando percebi que já não era o que buscava na vida.

Como você iniciou na carreira de técnico?

Estava na minha chácara no interior, quando um diretor do São Paulo me ligou dizendo que queria conversar comigo. Pedi que adiantasse o assunto. Mas ele disse que só iria me falar numa reunião dali a dois dias. Me passou pela cabeça que eu voltaria a jogar pelo clube. Na reunião, porém, fiquei surpreso. Me ofereceram o cargo de treinador do sub-20. Falei que não estava preparado para responder de imediato. Pedi uns dias e acabei tomando a decisão certa. Comecei a me interessar, porque era o processo de formação dos jogadores das categorias de base. Essa atividade é muito trabalho-

sa e desgastante. Porque, trabalhar nessas categorias, é uma responsabilidade enorme. Muitos atletas que atualmente estão na equipe principal passaram por mim. Entre eles o Rico, o Kléber, o Júlio Santos, o goleiro Márcio, o Marcos Antonio, o Tiago e o Gabriel. Apesar de hoje eu estar em outro clube com outros objetivos, é uma felicidade saber que ajudei na formação deles.

É verdade que você se concentrava para os jogos ouvindo rock pesado?

Sim. Isso foi influência de meu irmão mais velho, que sempre curtiu rock do final dos anos 70, principalmente Black Sabbath, Rainbow e Motörhead. Antes dos jogos, gostava de ouvir esse tipo de música para aumentar a adrenalina. Sempre fazia isso no caminho do CT para o Morumbi. Pois me ajudava a entrar no clima do jogo. Imagina se antes de um jogo contra o Corinthians eu fosse ouvir uma música clássica (*risos*)? Era minha maneira de fazer concentração. Também gosto muito de MPB. Mas, quando estou sozinho no carro, ouço rock. E de preferência bem alto.

E a experiência de comentarista de tevê?

Em janeiro deste ano, tive uma passagem pelo SBT. Foi uma experiência ótima. Uma oportunidade de conhecer e de aprender. Mas senti falta de alguma coisa. Estava precisando escutar os xingamentos da torcida (*risos*), aquela adrenalina dos campos de futebol.

Você ainda produz quadros?

A pintura surgiu na minha vida quando quebrei a perna. Acabei estudando História da Arte e fiz algumas exposições. Numa delas, recebi críticas positivas em jornais e na revista *Veja*. Isso me encorajou a produzir mais. Não deu para dar continuidade. Pois, na época, queria me dedicar ao futebol e à família. Acabei deixando um pouco de lado. Mas pretendo retomar um dia.

Ser assediado nas ruas ainda hoje o incomoda?

Nunca me incomodou. Sempre consegui separar bem minha vida particular do assédio causado pela profissão. Nunca tive problemas graves com fãs. Ainda que tenha passado por situações curiosas, do tipo estar jantando num restaurante com minha esposa e um torcedor sentar-se à mesa e querer falar de futebol (*risos*).

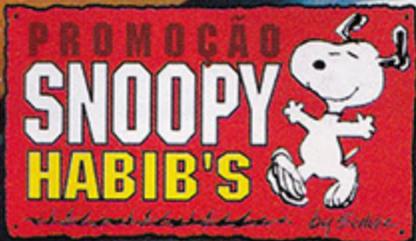
"Sinceramente, não sinto saudade de disputar campeonatos. Depois que saí do Fluminense, já vinha me questionando se deveria continuar ou não"

Seu melhor amigo chegou. COLECIONE.

Promoção válida por tempo indeterminado ou até durarem nossos estoques.



Compre um
Kit Habib's
e com mais
R\$ 1,95
leve 1 Snoopy.



“Sou cigano mesmo”

Palhinha: presente às duas conquistas em Tóquio

Habilidoso e inteligente, Palhinha foi o centroavante tricolor na era Telê. Aos 35 anos de idade e após passar por vários clubes, o atleta ainda está em atividade e garante que tem muito futebol pela frente

Por Fernando Savaglia

Jorge Ferreira da Silva nasceu na pequena Carangola, interior do Estado de Minas Gerais. Ainda criança, mudou-se com a família para Belo Horizonte, capital mineira, onde começou a jogar futebol em um time do bairro de Venda Nova. Dono de grande habilidade, o garoto chamava a atenção também pela sua velocidade. Logo seria convidado pelo A. E. Santa Tereza, um time da cidade, para integrar sua equipe infantil.

O apelido Palhinha surgiu nessa época. “Começaram a me chamar assim por causa da semelhança de meu futebol com o do ex-jogador do Cruzeiro e



do Corinthians, que também era baixinho e leve". Palhinha era meia-atacante e atuou nas categorias juvenil e júnior do pequeno clube. "Em seguida, fui para o América Mineiro. Lá, me profissionalizei em 1988". Destacando-se no campeonato estadual de 1991, foi transferido para o São Paulo em janeiro de 1992. Indicado pelo próprio Telê Santana, o atacante chegou com o lateral Ronaldo Luiz para disputar a Libertadores de 1992.

No Tricolor, Telê o deslocou para atuar como centroavante. Mas sem setor fixo no ataque. "No São Paulo, na verdade, joguei em todas as posições. Às vezes, mais à frente. Às vezes, até fazendo a função de quarto homem de meio-de-campo. Caía mais pela esquerda, com o Raí e o Müller mais à frente".

A qualidade técnica e a movimentação desses atletas tornaram o São Paulo uma equipe irresistível. "Deixávamos as defesas adversárias loucas, pois não tínhamos posição fixa. Havia jogo em que entrávamos e sabíamos que iríamos aplicar um chocolate nos adversários. Treinávamos muito dois toques com o Telê. As pessoas ficavam espantadas com o nosso time. Mas era tudo condicionamento. Já sabíamos, só de olhar, em que lugar o companheiro estaria".

A DUPLA COM RAÍ

Palhinha não esconde a emoção quando fala de seu entrosamento com Raí. "Tenho muita saudade dele e daquela

época. É um cara fantástico, muito inteligente. Isso facilitava jogar ao seu lado".

Campeão da Libertadores e do Paulista de 92, Palhinha quase ficou fora da final do Mundial Interclubes contra o Barcelona, em Tóquio. "Na semana do jogo, peguei uma gripe forte. Mas não iria ficar fora daquele jogo por nada deste mundo. Joguei com febre e mal-estar. E valeu a pena".

O craque lembra que os adversários tinham um time superbatalado e que algumas pessoas falavam que o São Paulo teria de suar muito para perder de pouco. "Tomamos o primeiro gol e não baixamos a cabeça. Além de virar o jogo, no segundo tempo os colocamos na roda", diverte-se Palhinha. "Até hoje, fecho os olhos e consigo ver nitidamente alguns lances que ficaram na minha memória. Foi muito emocionante", complementa o craque.

Bicampeão da Libertadores, o centroavante teve participação decisiva na conquista do bimundial contra o Milan. "Era o jogo que todo mundo esperava. Eles queriam provar que,

O PRIVILÉGIO

Quando o assunto é Telê Santana, Palhinha é categórico. "Trabalhar com ele foi a melhor coisa que me aconteceu como profissional. O Telê era exigente, mas o que cobrava nos treinos acontecia em campo. Devo-lhe muito como homem e profissional. Foi um privilégio ter trabalhado com Telê durante quatro anos".

apesar de termos ganho do Barcelona, não estávamos à altura deles. A rivalidade dentro de campo foi tanta que o Cerezo ensinou ao Valbér alguns palavrões em italiano para ele xingar os caras (*risos*)".

O centroavante garante que fica arrepiado só de lembrar-se do primeiro gol da decisão.

"O André (*lateral-esquerdo*) fez a virada de jogo, como o Telê gostava, pois pegava a defesa desarmada. Com toda sua saúde, o Cafu chegou batendo cruzado. Eu peguei de primeira e fiz o gol. Foi o mais importante da minha vida".

Por conta de suas grandes atuações, Palhinha chegou à seleção. E disputou vários jogos com a camisa amarelinha. "Joguei a Copa América e as eliminatórias. Estava numa

culpada de nada. Estava preparado para ser campeão".

Depois de sair do São Paulo em 1996, Palhinha teve uma fase vitoriosa com o Cruzeiro. Lá, ganhou uma Libertadores, uma Copa do Brasil contra o Palmeiras em pleno Parque Antártica e dois campeonatos mineiros.

MUITAS VIAGENS

Vendido para o time espanhol Mallorca, Palhinha não pôde mostrar nem metade de seu talento. Já que o técnico argentino Héctor Cuper não o escalava de maneira alguma. De volta ao Brasil, o atleta teve uma passagem de cinco meses pelo Flamengo. Na sequência, foi defender o Grêmio de Porto Alegre.

Em 1999, disputou o Brasileiro pelo Botafogo de Ribeirão Preto. A seguir, transferiu-se para o clube que o revelou, o América Mineiro, pelo qual foi campeão da Copa Sul-Minas de 2000.

O centroavante ainda atuou no futebol peruano, defendendo o Sporting Cristal e o Alianza de Lima. Com este último, sagrou-se campeão nacional. "Joguei ainda três meses nos Emirados Árabes. Sou cigano mesmo (*risos*)". Hoje, o ex-centroavante do Tricolor está no Uberaba Sport Club, equipe que disputa a terceira divisão do Brasileiro.

Aos 35 anos, com uma fantástica coleção de títulos, Palhinha garante que ainda tem muito a fazer no futebol. "Continuo com o mesmo peso há dez anos e vou jogar por um bom tempo". E complementa: "Tenho muito orgulho de ter feito tudo que fiz no São Paulo. Aprendi a gostar do clube que ajudou minha vida em todos os sentidos. Trabalhei para ser vencedor. E fui graças a Deus. Gostaria de voltar a jogar pelo São Paulo".

"Tenho muito orgulho de ter feito tudo que fiz no São Paulo"

Jorge Ferreira da Silva - PALHINHA

NASCIMENTO: 14/12/67

PRINCIPAIS TÍTULOS CONQUISTADOS NO SPFC:

Paulista de 92, Libertadores de 92 e 93, Mundial de 92 e 93, Supercopa da Libertadores de 93

OUTROS CLUBES

QUE DEFENDEU: América Mineiro, Cruzeiro, Mallorca (Esp), Flamengo, Grêmio, Botafogo-SP, Sporting Cristal (Per), Alianza de Lima (Per), Marília, Comercial e Uberaba

fase muito boa. Até hoje não entendi por que não fui para a Copa dos Estados Unidos".

Quanto ao pênalti perdido contra o Velez Sarsfield, da Argentina, na disputa que poderia ter dado o tricampeonato da Libertadores ao São Paulo, em 1994, o atleta argumenta que a equipe teve 90 minutos para fazer os gols de que precisava, mas desperdiçou várias chances. "Disputas de pênaltis são imprevisíveis. Ajudei o São Paulo a ganhar 18 títulos e, infelizmente, algumas pessoas lembram apenas esse lance contra o Velez. Não me sinto



Samuel:
diretamente
da Ponte
Preta



**Um dos maiores
zagueiros
brasileiros
de todos os
tempos: Bellini**



Jurandir:
segurança
e raça



Válber:
competente e
habilidoso, mas
indisciplinado

FOTOS REPRODUÇÃO

As muralhas

A zaga-central do São Paulo sempre teve atletas que, independente de estilo, jogavam de maneira séria e eficiente

Por José Antonio de Almeida

A figura do zagueiro-central é tão antiga quanto o próprio futebol. Sua posição, da mesma forma que a de goleiro, não passou por modificações ao longo de toda a sua existência.

Independente de ter um estilo refinado ou aguerrido, central bom é aquele que joga sério. E ponto final. Pois bem, assim fazia Bartô, campeão paulista de 1931 pelo na época São Paulo da Floresta, muito antes dos zagueiros-centrais ostentarem na camisa tricolor o número 3. Nessa década, também brilhariam Iracino e Filipelli, dois ótimos atletas.

Doze anos depois do primeiro título, Virgílio era o responsável pela zaga na vitoriosa campanha de 43. A partida que garantiu o título ao São Paulo foi contra o Palmeiras, que, um ano antes, havia conquistado o Paulista justamente ao derrotar o Tricolor por 3 a 1.

O curioso é que, naquela oportunidade, o segundo tento da equipe do Parque Antártica foi um gol contra de Virgílio, que ainda seria expulso. Vilão em 42, herói em 43, ele comprovou a máxima de que, no futebol, nada como um dia após o outro. Seu sucessor foi um

carismático argentino chamado Armando Federico Renganeschi, que nasceu em Buenos Aires em 1913.

GOL DA RAÇA

O destino reservou a esse portenho um lance cinematográfico, compatível com seu futebol raçudo, que marcaria para sempre sua carreira. Mais uma vez, a pedra no sapato era o Palmeiras, que, apesar de já não estar na disputa pelo título, não daria moleza ao nosso esquadrão.

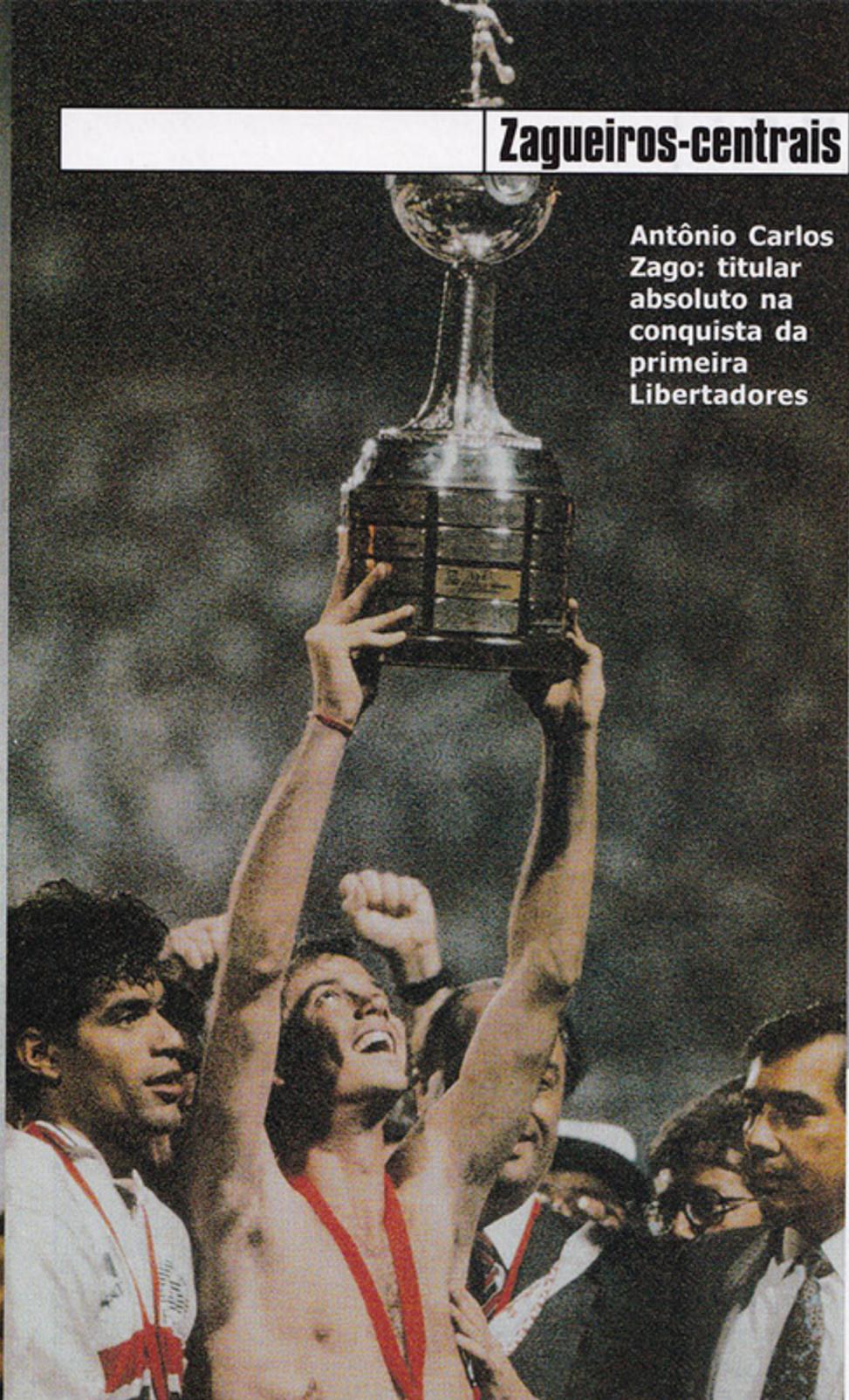
Naquela altura do Campeonato Paulista de 46, diga-se de passagem um dos torneios de pontos corridos mais disputados da história do futebol paulista, o Corinthians era o único rival capaz de tirar nosso título.

Na tarde de 10 de novembro, diante de um Pacaembu lotado, São Paulo e Palmeiras protagonizaram uma das maiores brigas, literalmente, que o velho templo presenciou. Com quatro jogadores expulsos, dois de cada lado, o Tricolor ainda teve Renganeschi contundido.

Na época, não era possível fazer substituições. A solução então foi posicioná-lo no campo de ataque são-paulino apenas para fazer número. O empate sem gols parecia inevitável, o que obrigaria o São Paulo a disputar um jogo extra com o Corinthians.



Oscar veio do Cosmos de Nova York consagrado



Zagueiros-centrais

Antônio Carlos Zago: titular absoluto na conquista da primeira Libertadores

Mas, aos 38 minutos do segundo tempo, Bauer cruzou uma bola, que, tomando efeito, acabou por enganar Oberdan Catani, goleiro da equipe adversária. Mesmo sem equilíbrio, o arqueiro não caiu no gramado sem antes tocá-la, fazendo-a ir de encontro à trave.

Mero espectador até aquele instante, Renganeschi, vendo a pelota quicar a poucos metros à sua frente e com o gol vazio, conseguiu empurrá-la para o fundo das redes num esforço sobre-humano. Esse suado tento garantiu ao Tricolor seu quarto título paulista. E foi, durante os quatro anos em que o zagueiro defendeu o clube, o único gol que fez.

MARTA ROCHA

Mauro Ramos de Oliveira foi talvez o mais clássico zagueiro-central que vestiu a camisa do São Paulo. Era o rei do desarme, além de nunca dar chutões. Um lorde. Sempre impecável.

Seu apelido, Marta Rocha, em referência à famosa miss Brasil da época, foi dado por causa da elegância e da fineza com que tratava a bola. Atuou no Tricolor por 12 anos. Foi titular absoluto. Sagrou-se campeão paulista nos anos de 48, 49, 53 e 57. Na seleção brasileira, foi bicampeão mundial em 58 e 62 - nesta segunda Copa, foi dono incontestado da posição. Durante sua longa permanência no São Paulo, formou a famosa muralha com o goleiro Poy e o lateral-direito De Sordi.

No final dos anos 50, com a utiliza-

ção do esquema 4-2-4 por parte de quase todas as equipes brasileiras, surgiu a figura do quarto-zagueiro. O atleta dessa nova posição e o central passariam a formar o que os cronistas esportivos da época chamaram de dupla de zaga.

Lateral-direito de origem, Turcão tinha a polivalência como sua principal característica, pois atuava de maneira segura também na zaga-central. Por diversas vezes, assim como o próprio De Sordi, foi central. Quando estava em campo, era o cobrador oficial de pênaltis do time. Dizem as lendas que ele nunca perdeu um. Mas os anos 50, sem a menor dúvida, pertenceram a Mauro.

Na década seguinte, Hideraldo Luiz Bellini seria o homem da zaga-central. Capitão na conquista da primeira Copa do Mundo em 58 na Suécia, chegou consagrado ao clube em 62. Foi uma das raras contratações de

peso nos anos em que o Estádio do Morumbi estava sendo erguido.

Seu nome representava tanto no futebol nacional que existe a história de que alguns jovens jogadores, recém-promovidos das categorias de base do Tricolor, referiam-se a ele como "seu" Bellini. Embora já veterano, marcou época como um dos maiores zagueiros-centrais do São Paulo Futebol Clube.

A RENOVAÇÃO DE MINELLI

Ao lado de Bellini, atuando como quarto-zagueiro, jogava o gigante Jurandir de Freitas. Apesar da grande estatura, era dono de uma agili-

Dúvida cruel: central ou quarto-zagueiro?

Como já foi relatado, o esquema 4-2-4, que invadiu o futebol brasileiro no final dos anos 50, trouxe um novo personagem, o quarto-zagueiro, que, ao lado do central, passaria a formar o que os cronistas esportivos da época chamaram de dupla de zaga.

No São Paulo, geralmente o zagueiro-central é destro e joga com a número 3, enquanto o quarto-zagueiro é canhoto e atua com a 4. Ainda que essa não seja uma regra rígida, cabe aos atletas dessas funções cobrir os laterais. Cada um de seu lado, respectivamente. Para o torcedor, a velha confusão que geram as duas posições é justificável não só pela proximidade dentro de campo, mas também porque, em diversas ocasiões ao longo da história do clube, quartos-zagueiros atuaram fazendo a função de central e vice-versa

ALGUNS DOS MAIORES NOMES DA POSIÇÃO NO SÃO PAULO

Hideraldo Luiz BELLINI

Nascimento: 21/06/30

Local: Itapira (SP)

Jogos disputados pelo SPFC: 204

Gol marcado pelo SPFC: 1

Data de chegada ao SPFC: 10/03/62

Data de saída: 31/05/68

MAURO RAMOS de Oliveira

Nascimento: 30/08/30

Local: Poços de Caldas (MG)

Jogos disputados pelo SPFC: 444

Data de chegada ao SPFC: 01/02/48

Data de saída: 11/03/60

Títulos conquistados pelo SPFC: Paulista de 48, 49, 53 e 57

José OSCAR Bernardi

Nascimento: 20/06/54

Local: Monte Sião (MG)

Jogos disputados pelo SPFC: 292

Gols marcados pelo SPFC: 14

Data de chegada ao SPFC: 02/07/80

Data de saída: 11/09/87

Títulos conquistados pelo SPFC: Brasileiro de 86, Paulista de 80, 81, 85 e 87

Armando Federico RENGANESCHI

Nascimento: 10/05/13

Local: Buenos Aires (ARG)

Jogos disputados pelo SPFC: 107

Gol marcado pelo SPFC: 1

Data de chegada ao SPFC: 05/07/44

Data de saída: 31/12/48

Títulos conquistados pelo São Paulo: Paulista de 45, 46 e 48

JURANDIR de Freitas

Nascimento: 12/11/40

Local: Marília (SP)

Jogos disputados pelo SPFC: 395

Data de chegada ao SPFC: 15/02/62

Data de saída: 31/07/72

Títulos conquistados pelo SPFC: Paulista de 70 e 71

ANTÔNIO CARLOS Zago

Nascimento: 18/05/69

Local: Presidente Prudente (SP)

Jogos disputados pelo SPFC: 139

Gols marcados pelo SPFC: 11

Data de chegada ao SPFC: 01/08/88

Data de saída: 25/08/92

Títulos conquistados pelo SPFC: Paulista de 91, Brasileiro de 91 e Libertadores de 92



Mauro Ramos: futebol elegante e vistoso

dade impressionante.

Com Bellini pendurando as chuteiras em 68, Jurandir passou a atuar de central. Chegou a formar dupla com Roberto Dias. Os dois sagraram-se bicampeões paulista de 70 e 71. Seu sucessor foi Samuel, que veio da Ponte Preta, de Campinas. Este era um atleta de toques refinados, ao contrário de seu reserva, Paranhos, dono de um estilo mais raçudo.

Juntos, foram campeões do Campeonato Paulista de 75. Paranhos substituiu o quarto-zagueiro Arlindo, outro que atuava com desenvoltura nas duas posições, mas que ficara impossibilitado de participar da final contra a Portuguesa de Desportos.

Com a renovação proposta pelo técnico Rubens Minelli em 77 para a disputa do Brasileiro, surgiu o jovem Estevam, jogador que primava pela marcação forte e que não se intimidava com cara feia.

Contundido, foi sacado na famosa final contra o Atlético-MG. Em seu lugar entrou Tecão, um dos heróis daquela conquista. Nos anos 70, passaria pelo Morumbi o zagueiro Marião, outro atleta de estatura privilegiada e especialista no jogo aéreo.

A ZAGA QUE NINGUÉM ESQUECE

A diretoria do São Paulo promoveu ótimos investimentos no plantel para disputar o Paulista de 80. Apesar de não ter status de estrela, o zagueiro-central Ney, comprado do Botafogo de Ribeirão Preto, foi contratado em virtude de seu futebol sério e determinado.

Meses depois, chegava ao Morumbi José Oscar Bernardi, que atuava na milionária equipe do Cosmos, de Nova York, EUA. Titular absoluto da posição por sete anos, formou com Dario Pereyra uma das maiores duplas de zaga da história do Tricolor paulista.

Ao todo, fez 292 partidas pelo clube e marcou 14 gols, a maioria de cabeça. Oscar desarmava com classe. Mas, se necessário fosse, também sabia dar chutes para o lado. Por causa de sua liderança, foi capitão de quase todas as equipes por onde passou, até mesmo na seleção brasileira na Copa do Mundo de 82, na Espanha.

Ex-jogador do Corinthians, Wagner Basílio substituiu Oscar, que não pôde disputar a fase final do Brasileiro de 86 por causa de uma contusão. Basílio participou da partida final contra o Guarani. E foi quem bateu o pênalti que definiu o título em favor do São Paulo.

Já no Paulista de 87, apareceria um zagueiro vindo do Cruzeiro. Tratando a bola com carinho e extrema categoria, Adílson acabou conquistando a torcida e o técnico Cilinho, principalmente depois do título paulista de 87 em cima do Corinthians. Titular durante três anos, até mesmo na vitoriosa campanha do Paulista de 89, acabou perdendo a posição para outro jovem talento, oriundo das categorias de base da equipe: Antônio Carlos Zago.

COMBINAÇÃO PERFEITA DE RAÇA E HABILIDADE

Originalmente lateral-direito, terminou virando zagueiro e sendo efetivado por Telê Santana. Por conta de sua perfeita combinação de raça e habilidade, foi titular absoluto nas três primeiras conquistas da era do treinador: o Brasileiro e o Paulista, ambos em 1991; e a Libertadores de 92.

Vendido para o Albacete, da Espanha, acabou não participando do Mundial Interclubes daquele ano contra o Barcelona. Em seu lugar, de novo entrou Adílson. Antônio Carlos ainda faria fama na Roma, clube em que ficou conhecido simplesmente por seu sobrenome, Zago.

Muito se falou de Válber, que era habilidoso, sem a menor dúvida, mas indisciplinado. Dono de um espírito brincalhão e grande categoria, desarmava e driblava como poucos, além de ter uma visão extraordinária de jogo. Atuava tanto de central quanto de quarto-zagueiro. Foi campeão mundial de 93, sendo parceiro de Ronaldão.

Durante os anos 90, vários foram os centrais que vestiram a camisa das três cores. Pedro Luiz veio da Ponte Preta, era uma aposta de Telê Santana; Rogério Pinheiro foi comprado do Botafogo-RJ, Nem subiu das categorias de base do clube, assim como Nelson, que foi parceiro de Bordon na conquista da Conmebol em 94; e Wilson.

No fim da década, um atleta que se destacou na posição foi Edmilson, verdadeiro curinga que também atuou de volante e lateral-direito. Já Ayala, excelente zagueiro paraguaio que esteve na Copa do Mundo de 98 ao lado de Gamarra, não se adaptou ao futebol brasileiro. Um dos últimos a serem contratados foi Emerson, que veio da Portuguesa. O jogador teve uma rápida passagem pelo Morumbi. Hoje, o Tricolor conta com a juventude de Júlio Santos e a determinação do uruguaio Diego Lugano (veja Perfil nesta edição).



São Paulo Futebol Center

A maior escola de craques do Brasil

0800 120812 | www.saopaulofc.net

O fino do tênis

Depois de quase 14 anos de carreira, Fernando Meligeni despediu-se das quadras em agosto com a conquista do ouro no Pan-Americano de Santo Domingo



FOTOS RUBENS CHIRI

Amor ao esporte: "Não jogava tênis por causa de status ou dinheiro"

Por Carlos Mesquita

O são-paulino Fernando Meligeni aposentou-se com brilhantismo. Fininho conseguiu uma das maiores façanhas de sua trajetória. Numa partida mais do que emocionante no Pan deste ano, o brasileiro derrotou o chileno Marcelo Ríos. Foram duas horas e 44 minutos de tudo que ele sabe fazer de melhor. Vibrante como nunca, acreditou em todas as bolas. Atropelou a grade lateral da quadra. Reclamou de si mesmo. Atirou-se ao chão. Deu risadas. Ironizou. A cada instante, superou-se. De maneira surpreendente, deixou seu adversário com a prata. Havia três anos que Meligeni não conquistava um título de expressão. O último foi em 2000, quando levantou o troféu do Torneio Challenger de Guadalajara, no

México. Em 10 de agosto, porém, mais que abocanhar o lugar mais alto no pódio, angariou a simpatia de torcedores de todas as partes do mundo que estavam plugados na decisão. Com carisma, primeiramente envolveu os dominicanos. Ao final, a maior parte do público presente torcia por ele.

“O GUGA, PARA MIM, É UM FENÔMENO”

Em seis encontros com Ríos, Fininho venceu apenas esse jogo. Não por acaso, o mais marcante. Após salvar cinco match points e desperdiçar outros dois, pôde soltar o grito de campeão. A fantástica vitória por 2 sets a 1 foi muito comemorada pelos companheiros de equipe. "Foi uma vi-

tória que consegui com o coração e que não esperava", afirmou com lágrimas nos olhos.

A TRAJETÓRIA DE UM CAMPEÃO

Fininho, 32 anos, dedicou-se aos tênis por 24. Nasceu na Argentina, em 12 de abril de 1971. Meio sem saber o que estava fazendo,

irmã, era quem treinava duro. Na época, já corria de um lado para outro empunhando uma raquete. A família de Meligeni até pensava que ela, sim, brilharia nas quadras. "Sempre achei, e meus pais também, que a carreira de tenista quem iria seguir era a Paula. Mas, numa dessas voltas que nada nem ninguém ex-

do, desembarcou aqui bem cedo. Seu pai, fotógrafo profissional, descobriu no Brasil um paraíso de imagens, tipos e cores. Meligeni, porém, encontrou algo mais profundo. "Naquela momento, acabava de achar meu país". Sua paixão pelo esporte iniciou aos oito anos. Mas Paula, sua

plicam, quem seguiu fui eu. É claro que ela ainda arrasa nas quadras dando aulas, ensinando e incentivando muito mais gente". A partir daquele instante, o tênis ocuparia um bom tempo de sua vida. Meligeni, então, seguiu treinando e se divertindo. Até que um dia teve de encarar uma via-

PRINCIPAIS TÍTULOS E ALGUNS DOS MELHORES RESULTADOS DE FININHO NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS

2003	Medalhista de Ouro nos Jogos Pan-Americanos, na República Dominicana Quartas-de-final do ATP Tour de Houston, EUA
2002	Finalista do ATP Tour de Acapulco, México Semifinalista do ATP Tour de Estoril, Portugal
2001	Finalista do ATP Tour de Salvador, Brasil Quartas-de-final do ATP Tour de Long Island, EUA Terceira rodada de Roland Garros, França
2000	Campeão do Challenger de Guadalajara, México Finalista de duplas do Challenger de Guadalajara, México
1999	Semifinalista de Roland Garros, França Quartas-de-final do ATP Tour de Estoril, Portugal
1998	Campeão do ATP Tour de Praga, República Tcheca Campeão do Challenger Ericsson Cup, São Paulo Campeão de duplas do ATP Tour de Gstaad, Suíça
1997	Campeão de duplas do ATP Tour de Estoril, Portugal Campeão de duplas do ATP Tour de Bologna, Itália Campeão de duplas do ATP Tour de Stuttgart, Alemanha Campeão de duplas do ATP Tour de Bogotá, Colômbia Campeão de duplas do Challenger de Salinas, Equador
1996	4º lugar nos Jogos Olímpicos de Atlanta, EUA Campeão do ATP Tour de Pinehurst, EUA
1995	Terceira Rodada de Roland Garros, França Campeão do ATP Tour de Bastad, Suécia
1994	Campeão no Challenger de Ribeirão Preto, Brasil Finalista no Challenger de Natal, Brasil
1993	Campeão no Challenger de São Paulo I, Brasil Campeão no Challenger de Campinas, Brasil Campeão no Challenger de São Paulo II, Brasil

gem. Foi para a Argentina com o objetivo de melhorar. "Meu pai me deixou ir com uma condição: que eu voltasse entre, pelo menos, os dez melhores".

Ele ficou na casa de sua avó. E, em determinados dias, nem mesmo os biscoitinhos dela eram o suficiente para animá-lo, pois o que vinha pela frente era barra pesada.

No fim, o resultado foi bastante positivo. "Ganhei o Sul-Americano, o Banana Bowl e o Orange Bowl. Isso não vou esquecer nunca. Liguei para meu pai avisando que eu estava voltando, não entre os dez, mas como o número 1 da Argentina. E melhor: fui o número 1 do mundo". Os anos que se sucederam depois daquela conquista pessoal foram de intensa correria. Sua rotina passaria a ter muito mais adrenalina. E assim ele seguiu até 10 de agosto de 2003.

BATE-BOLA

A final com o Ríos, no Pan-Americano de Santo Domingo, foi o momento mais especial de sua carreira?

Não foi fácil ganhar dele. Sabia que iria ter de me superar. Acho que fiz isso. Foi o momento mais legal com certeza.

Pensou em desistir do tênis em algum momento antes de agosto passado?

Havia momentos em que estava numa fase ruim e aconteciam vários jogos seguidos. Então repensava toda a minha carreira. Várias vezes fiz isso. Mas o carinho que tenho pelo esporte me fazia continuar jogando.

Depois desse ouro surpreendente no Pan-Americano, não bateu aquela vontade de deixar a aposentadoria mais para frente?

Não. Foi uma decisão tomada antes do Pan-Americano. Sempre disse que não jogava tênis

por causa de status ou dinheiro. Jogava porque tenho um carinho muito grande pelo esporte. Senti que aquele era o momento de abandonar. Por isso, nada me faz voltar.

Como é fazer o programa de esportes da MTV?

É difícil. Mas estou curtindo fazer. A MTV me dá bastante abertura. A cada ano, o programa tem melhorado. Sei que há muito para melhorar. Mas está muito legal.

Como foi jogar ao lado do Guga?

Para mim, ele é um fenômeno. Como Ronaldinho e Romário no futebol. É um cara espetacular. Ter participado, de alguma maneira, do início da carreira dele, para mim, foi um grande pulo.

Quais são os jogadores que não podem ficar fora de uma seleção tricolor?

Não deixaria fora o Zetti, o Careca, o Müller e o Telê Santana.

CURIOSIDADE

Antes de apaixonar-se pelo tênis, Meligeni, ainda garoto, era goleiro de futebol de salão. Mas sua carreira não foi duradoura. "Não entendia por que as pessoas teimavam em arremessar cadeiras e garrafas. Meus pais viram nisso um bom motivo para me tirarem da frente da rede e me colocarem atrás dela".

FREGUESES DE FININHO

Pete Sampras, Sergi Bruguera, Cedric Pioline, Alex Corretja, Yevgeny Kafelnikov, Michael Chang, Félix Mantilla, Mark Phillipoussis, Magnus Larsson, Petr Korda, Carlos Moyá, Andy Roddick, Nicolas Kiefer e Arnaud Clement, entre tantos outros.

REFRESQUE A MEMÓRIA

Meligeni é o tenista brasileiro que foi mais longe em uma Olimpíada. Ele ficou com o 4º lugar em Atlanta, no ano de 1996.

Estilo:
vibrante
e aguerrido

No lugar mais alto pela segunda vez



Um ano depois de vencer o poderoso Barcelona de Johann Cruyff na final do Mundial Interclubes de 1992, o São Paulo foi a Tóquio ser coroado bicampeão

FOTOS REPRODUÇÃO



Por Fernando Savaglia

A princípio, o adversário do São Paulo no esperado jogo na capital japonesa seria o Olympique de Marseille. A equipe francesa sagrou-se campeã européia naquele ano, mas fora impedida de participar do Mundial Interclubes por causa de escândalos envolvendo Bernard Tapie, seu então presidente.

Ele havia comprado resultados no campeonato de seu país que dariam o título ao clube que administrava e, conseqüentemente, o direito de disputar a Copa dos Campeões.

O Olympique perdeu nos tribunais

o título europeu e também a oportunidade de ir a Tóquio. Para seu lugar a UEFA indicou o Milan, vice-campeão do Velho Continente.

A diretoria tricolor, enquanto isso, trabalhava para que todo o esquema de 1992 fosse repetido. O São Paulo desembarcou no Japão uma semana antes do confronto. Atletas e comissão técnica alojaram-se no mesmo Prince Hotel e os treinos ocorreram no mesmo Tokio Gas, clube pertencente à companhia de gás de Tóquio.

Se a vitória não tinha sido fácil contra o Barcelona na primeira vez, nada indicava que seria mais tranqüila contra o Milan. Afinal, a equipe italiana tinha a fama de

© MELHOR EM CAMPO



Ele chegou ao São Paulo com 37 anos de idade. E poucos apostariam que Cerezo (foto ao lado) poderia ajudar efetivamente o São Paulo. O veterano atleta acabou se tornando peça fundamental no esquema tático de Telê Santana, contribuindo de forma decisiva para a conquista dos dois mundiais.

Contra o Milan, não só fez o segundo gol como também comandou o meio-de-campo nos momentos de maior pressão da equipe italiana.

No final, o justo reconhecimento. O meio-campista foi eleito o melhor da partida. Nada mal para um atleta que já tinha em seu currículo um Campeonato Italiano, um Mundial Interclubes, uma Recopa e uma Supercopa, além da Libertadores de 93.



Müller sendo abraçado por Leonardo e Juninho (camisa 15) após fazer o gol da vitória; o goleiro Rossi ficou irritado com sua zaga, mas já era tarde demais

jogar um futebol muito mais aguerrido que o time espanhol.

BARESI E CIA.

O Milan chegou desfalcado do holandês Van Basten, do dinamarquês Brian Laudrup (irmão de Michael Laudrup, que enfrentou o São Paulo um ano antes defendendo o Barcelona), do croata Boban e do italiano Simoni.

Se a agremiação de Milão, considerada uma das potências máximas do futebol, não entraria em campo com esses nomes, contaria com o talento de Maldini, Donadoni, Massaro, Albertini, Panucci, Costacurta e Franco Baresi, todos da seleção da Itália.

Não bastassem essas feras consagradas, ainda havia os franceses Desailly e Papin, além do centroavante romeno Raducioiu. Por sua vez, o São Paulo vinha de conquistas importantes naquele ano, como a Libertadores da América diante do time chileno do Universidad Católica, a Recopa Sul-Americana contra o Cruzeiro e a Supercopa dos Campeões da Libertadores conseguida numa emocionante final com o Flamengo.

Afora todos esses certames, o clube do Morumbi havia disputado o Paulista e o Brasileiro e mais alguns torneios internacionais, ultrapassando a marca de 90 jogos

“Muitos jogadores daquele time eram capazes de executar várias funções em campo. O São Paulo sabia tanto acuar o adversário quanto ser mortal nos contra-ataques, o que surpreendeu o Milan”

RODRIGO BUENO, repórter da ESPN Brasil e colunista da Folha de São Paulo



Montanha tricolor: a comemoração do gol que abriu o placar e trilhou a conquista do bicampeonato do Mundial Interclubes sendo acompanhada por torcedores japoneses; à frente, Rossi tocando a bola rapidamente para o Milan dar nova saída

“O São Paulo fez tanto sucesso com a conquista desse título que despertou nas equipes rivais um grande interesse em derrotá-lo”

DANIEL DE PAULA, comentarista da Sport TV

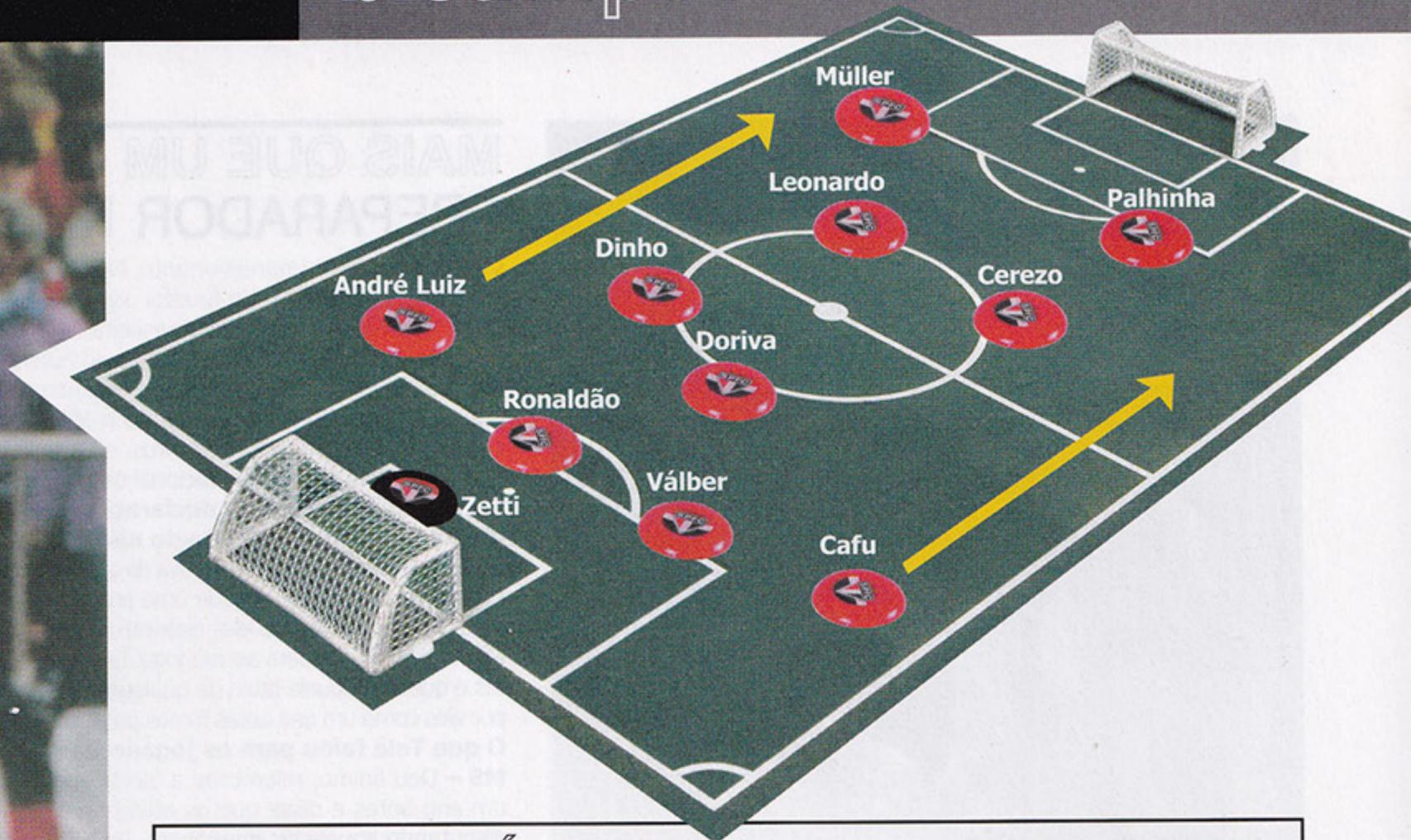
naquela temporada. Muitos analistas diziam que o Tricolor estava no seu limite físico. O próprio Fabio Capello, técnico do Milan, declarou antes do jogo que não acreditava que a equipe brasileira suportasse os 90 minutos da partida.

É bom lembrar que o São Paulo de 1993 já não contava com a maestria de Raí. Seu passe fora vendido ao Paris Saint Germain. O volante Pintado também não fazia parte do grupo. Naquela altura, estava defendendo o Cruz Azul, do México. Outro que não participou foi o lateral-direito Vítor, emprestado ao Real Madrid. Naquela manhã de domingo, o

mestre Telê Santana escalou Zetti, Cafu, Válber, Ronaldo, André Luiz, Doriva, Dinho, Toninho Cerezo, Leonardo, Müller e Palhinha.

GUERRA DE NERVOS

Com o apito do francês Joel Quinou, iniciava o que a imprensa japonesa batizou de o jogo do século. Campeão dos Mundiais Interclubes de 1969, 1989 e 1990, o Milan corria atrás de sua quarta conquista, enquanto o São Paulo de Telê Santana, ao contrário do ano anterior, quando era considerado zebra diante do Barcelona, aterrissou em Tóquio como uma das principais equipes do mundo, senão a mais importante graças



AS ESTRATÉGIAS

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

Telê montou o Tricolor num 4-4-2. Cafu voltou à lateral-direita, sua posição de origem. Válber, na zaga, e André Luiz, na lateral-esquerda, ocupavam os setores que foram respectivamente de Adilson e Ronaldo Luiz um ano antes na partida contra o Barcelona.

Sem Pintado, os volantes do Tricolor foram Doriva e Dinho. O ex-lateral-esquerdo Leonardo, que atuava como meio-campista, tinha a função de armar a equipe. Completando o meio-de-campo, Toninho Cerezo, volante de grande técnica, ajudava Leonardo com toda sua experiência na construção de jogadas ofensivas, além de auxiliar os cabeças-de-área na marcação do perigoso time milanês. Na frente, a mesma dupla campeã mundial de 92: Müller, que, apesar de destro, caía pela esquerda, e Palhinha.

MILAN

Famoso por jogar com dois, ou até três jogadores fixos na defesa, e mais um líbero (atleta que se posiciona atrás da linha de zaga), o futebol italiano, no início dos anos 90, passava por uma reformulação estratégica promovida por Arrigo Sacchi, ex-treinador do próprio Milan e da seleção italiana.

Na época treinador do time rubro-negro de Milão, Capello apostou num 4-4-2 com marcação por zona para tentar vencer o São Paulo. Ele escalou o outrora líbero Franco Baresi na quarta-zaga. E o poder de marcação da escola italiana realmente foi poderoso com os volantes Albertini e Donadoni, auxiliando a zaga. Outra mudança promovida por Capello foi o deslocamento do centroavante Daniele Massaro para jogar como meia. Nessa posição, o jogador rendeu surpreendentemente bem e chegou a ser apontado como um dos melhores em campo na final do Mundial Interclubes.

aos vários títulos conquistados naquele período.

No começo, os italianos imprimiram forte marcação. Sufocaram, como era esperado. Procuraram encurralar os brasileiros em seu campo de defesa. A única opção de ataque do São Paulo era Cafu, que deu muito trabalho ao veterano lateral-esquerdo Maldini. Logo aos dez do primeiro tempo, Raducioiu chutou com perigo. Quatro minutos depois, Massaro acertou a trave. A bola ainda resvalou no corpo de Zetti e, por pura sorte do arqueiro, não inaugurou o placar.

Aos 19, quando a pressão italiana parecia chegar ao ponto máxi-

mo, André Luiz achou Cafu livre do lado direito, que cruzou a bola por baixo para Palhinha. O centroavante veio na corrida para fuzilar o gigante goleiro Rossi e fazer 1 a 0.

Prevendo a forte marcação do Milan, Telê já tinha dito, na semana do confronto, que as oportunidades não poderiam ser desperdiçadas. E os atletas entenderam muito bem a dica, pois aquele havia sido o único ataque são-paulino.

Três minutos depois, Papin quase empatou numa bobeada da zaga são-paulina. O apito de Quinou, dessa vez encerrando o primeiro tempo, soou como um alívio. Ape-

FICHA TÉCNICA

SÃO PAULO 3 X 2 MILAN

SÃO PAULO Zetti; Cafu, Válber, Ronaldão e André Luiz; Dinho, Doriva, Toninho Cerezo e Leonardo; Müller e Palhinha (Juninho) • **Técnico:** Telê Santana

MILAN Rossi; Panucci, Costacurta, Franco Baresi e Maldini; Albertini (Alessandro Orlando), Donadoni e Desailly; Massaro, Papin e Raducioiu (Tassoti) • **Técnico:** Fabio Capello

Gols: Palhinha aos 19min do primeiro tempo; Massaro aos 3min, Toninho Cerezo aos 14min, Papin aos 36min e Müller aos 41min do segundo tempo • **Juiz:** Joel Quinou (França) • **Data:** 12/12/1993 (domingo) • **Local:** Estádio Nacional (Tóquio/Japão)



**Telê Santana:
o mestre das
duas conquistas
mundiais**

REPERCUSSÃO

A conquista do bicampeonato mundial está completando dez anos. Mas as imagens do épico jogo entre São Paulo e Milan permanecem vivas na memória de todos que assistiram à epopéia do Tricolor em terras japonesas.

Segundo Daniel de Paula, comentarista da Sport TV, ao contrário do que muita gente diz, a conquista são-paulina acabou por valorizar ainda mais os campeonatos regionais. "O São Paulo fez tanto sucesso com a conquista desse título que despertou nas equipes rivais um grande interesse em derrotá-lo". O jornalista acrescenta ainda que o nome do clube ficou mais importante no cenário mundial, o que melhorou sua estrutura e o levou a ceder vários jogadores à conquista do tetracampeonato mundial da seleção brasileira. Para Flávio Prado, da rádio Joven Pan e TV Cultura, o forte da equipe de Telê estava em seu jogo coletivo. "Telê conseguiu unir os jogadores, que deram tudo o que podiam, e abdicaram das individualidades".

Outro ponto forte daquela equipe bicampeã era a aplicação demonstrada em campo. De acordo com Rodrigo Bueno, repórter da ESPN Brasil e colunista da *Folha de São Paulo*, essa característica foi fundamental nas conquistas tricolores. "Muitos jogadores daquele time eram capazes de executar várias funções em campo. O São Paulo sabia tanto acuar o adversário quanto ser mortal nos contra-ataques, o que surpreendeu o Milan".

Para ele, os títulos internacionais do São Paulo foram de suma importância para o futebol brasileiro. "Durante as décadas de 70 e 80, o futebol brasileiro pouco ganhou internacionalmente com a seleção e com os clubes. As conquistas do São Paulo, contra o Barcelona de Johann Cruyff e o Milan de Fabio Capello, jogaram uma luz sobre o futebol nacional. Não foi à toa que Carlos Alberto Parreira levou para a Copa de 1994 muitos dos atletas que triunfaram com o São Paulo em 92 e 93".

MAIS QUE UM PREPARADOR FÍSICO

Com um currículo impressionante, Moracy Saint' Anna esteve presente às maiores conquistas do futebol brasileiro dos últimos tempos. Campeão mundial com a seleção brasileira em 94, o preparador físico pertencia à comissão técnica do São Paulo Futebol Clube na conquista do dois títulos mundiais. Além do condicionamento dos atletas, foi o responsável, durante a partida contra o Milan, por repassar as informações do observador Aluízio Santos, estrategicamente acomodado nas arquibancadas do Estádio Nacional de Tóquio, ao técnico Telê Santana. **Como você recebeu as declarações de Fabio Capello, técnico do Milan, de que o São Paulo não teria fôlego para a decisão?**

MS - Essa entrevista foi na coletiva da quinta-feira que antecedia o jogo. Foi mais uma observação do que uma provocação. Vinhamos de quase 100 jogos no ano. Enquanto eles estavam no meio da temporada européia. O Milan foi com tudo para aquele jogo. Estava numa fase de muitas conquistas e queriam aquele título de qualquer jeito. Mas não fomos provocados por eles como um ano antes fomos por Cruyff (*técnico do Barcelona*).

O que Telê falou para os jogadores no intervalo?

MS - Deu ânimo, lembrou a glória que foi ser campeão do mundo um ano antes e disse que os atletas eram privilegiados por estarem disputando aquele bicampeonato. Pediu que todos dessem tudo de si para conquistar aquele título.

Há algum momento especial daquela conquista que você gostaria de destacar?

MS - Uma coisa que me emocionou muito foi a repercussão da atuação do Cerezo. Além de não parar de receber telefonemas de pessoas que o estavam felicitando por ter sido eleito o melhor em campo, ele contou que os italianos de Gênova comemoraram o título do São Paulo, saindo às ruas, não só pela velha rivalidade contra a equipe de Milão, mas também por ele, Cerezo, ser um ídolo da Sampdoria (*equipe com a qual foi campeão daquele país em 1991*).

sar da vitória parcial, a esperança era de que a equipe se impusesse mais na etapa complementar.

MAIS 45 MINUTOS DE PURA ADRENALINA

O São Paulo voltou para o segundo tempo pressionando os italianos. Logo no princípio, Leonardo quase ampliou o marcador. Mas, dois minutos depois, numa rebatida da defesa brasileira, Massaro viu-se sozinho na frente de Zetti. Restou-lhe, então, tocar com categoria, empatar e correr para o abraço.

O time sentiu. E o Milan tentou tirar proveito com cruzamentos na

área tricolor. Telê pediu, nesse momento, que Juninho fosse para o aquecimento.

O jovem ponta-de-lança vinha sendo uma ótima opção de ataque, principalmente quando entrava no segundo tempo e imprimia sua habitual correria para cima das defesas adversárias.

O Milan, entretanto, é que passou a pressionar. Num ataque fulminante aos 14 minutos do segundo tempo, porém, o São Paulo aplicou um golpe letal.

Em bela jogada costurada por Leonardo na esquerda, Cerezo apareceu livre a fim de tocar para o fundo das redes. Rossi saiu gri-

"Telê conseguiu unir os jogadores, que deram tudo o que podiam, e abdicaram das individualidades"

FLÁVIO PRADO, jornalista da rádio Joven Pan e TV Cultura

tando com seus defensores, que foram totalmente envolvidos.

O Milan tinha, bem verdade, mais volume de jogo. Já o São Paulo dava a impressão de que escolhia o momento em que era mais pressionado para fazer seus gols.

Telê optou por continuar com Cerezo em campo, eleito o melhor jogador da partida. Juninho terminou entrando no lugar de Palhinha.

A substituição surtira efeito imediato. O pequenino atacante começou a puxar velozes contra-ataques. Aparecia em todos os lugares da defesa do Milan, infernizando-a. E, aos 24 minutos, ainda quase marcou chutando de fora da área.

Os comandados de Capello pisaram no freio. Pareciam já não ter pernas para buscar o gol que provocaria a prorrogação.

Faltando 10 minutos para o término, o técnico italiano pôs em campo o atacante Tassoti em lugar do perigoso Raducioiu e tirou o volante Albertini para colocar o meia-ofensivo Alessandro Orlando. Naquela altura, era tudo ou nada.

Um minuto após a troca, Massaro, dentro da área são-paulina, tocou de cabeça para trás. E Papin, também de cabeça, igualou o placar. O que se desenhava impossível aconteceu.

A partida tomava proporções épicas com aquele empate. Com menos de nove minutos para o final, a torcida tricolor questionava se o São Paulo teria fôlego para encarar a prorrogação.

VELOZ, OPORTUNISTA E INTELIGENTE

Revelado nas divisões de base do São Paulo na década de 80, Luís Antônio Corrêa da Costa, conhecido simplesmente por Müller, fez parte dos chamados Menudos do Morumbi, um dos maiores esquadões da história do clube. O apelido foi herdado de seu irmão, um atacante que jogou no Tricolor no final dos anos 70.

Apesar de ser dono de muita velocidade e oportunismo, Müller se destacava mesmo pela movimentação inteligente. Sempre buscava espaços vazios e fazia boas assistências.

Com uma apresentação discreta naquele jogo, pouco pôde fazer para sair da forte marcação de Panucci e Costacurta. Este último



AGÊNCIA ESTADO

POR ONDE ANDA

(Jogadores em pé da esq. para a dir.)

ZETTI - Hoje técnico de futebol, Zetti treina o Paulista de Jundiaí.

DINHO - Parou de jogar futebol e mora em Alvorada, cidade próxima de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Está se preparando para iniciar a carreira de treinador.

RONALDÃO - Pendurou as chuteiras no ano passado. Estava na Ponte Preta de Campinas. Atualmente, é diretor de futebol do clube.

CAFU - O lateral-direito está na poderosa equipe do Milan.

LEONARDO - Aposentou-se no Milan e virou dirigente da esquadra italiana.

TONINHO CEREZO - Tornou-se técnico de futebol. Dirige o Kashima Antlers, do Japão.

(Atletas agachados da esq. para a dir.)

MÜLLER - Atualmente, veste a camisa da Portuguesa.

DORIVA - O jogador está no Middlesbrough, da Inglaterra.

VÁLBER - Atualmente sem clube, atuou até pouco tempo no Fluminense.

PALHINHA - Atua no Uberaba Sport Club, equipe mineira da terceira divisão.

ANDRÉ LUIZ - Continua em atividade. Está no Corinthians.

(Não aparecem na foto)

JUNINHO - O ponta-de-lança defende o Middlesbrough, da Inglaterra.

TELÊ SANTANA - Afastou-se do futebol em 1996 por causa de problemas de saúde. Aposentado dos campos, descansa em Minas Gerais.

havia declarado que o brasileiro representava pouco perigo. Já que não era capaz de vencer os zagueiros italianos e fazer gols.

Essa velha rusga, proveniente dos anos em que Müller atuou na tradicional equipe do Torino, na Itália, foi reavivada durante a partida. E Costacurta terminou dançando um samba de verde-amarelo.

QUESTO GOL É PER TE, BUFFONE

Aos 41 minutos, Cerezo enfiou do meio-de-campo uma bola fantástica para o atacante são-paulino, deixando-o na cara do gol. Percebendo o perigo, Rossi imediatamente abandonou a meta para evitar que Müller progredisse.

Tentando impedir o choque com o gigante arqueiro, o brasileiro virou o corpo no ar. A bola espirrou, tocando em seu calcanhar. E, como se fosse guiada pelos deuses do futebol, entrou lentamente no gol italiano. Uma pintura de lance.

Na comemoração, o desabafo de Müller. "Questo gol é per te, buffone (este gol é para você, palhaço)", gritou o jogador, apontando os dois dedos para um incrível Costacurta, que, com as duas mãos na cabeça, demonstrava todo seu inconformismo com a sorte do brasileiro.

Mesmo desmotivado, o Milan partiu para uma última tentativa. Aos 44 minutos, Papin des-

perdiu a chance do empate na frente de Zetti depois de um cruzamento de Panucci.

Do banco de reservas, um Capello impassível assistia a essa oportunidade perdida por sua equipe. Não havia mais tempo para nada. Joel Quinou apitou, apontando para o centro do gramado. Assim terminava a mais sofrida e emocio-

nante conquista tricolor de todos os tempos.

A emissora japonesa de televisão saudou o vencedor do jogo do século. No gramado, a festa dos paulistas contrastava com a desolação milanese. Restavam apenas a entrega da Toyota Cup ao capitão Ronaldo e a tradicional volta olímpica do bicampeão mundial de futebol.



Em pé da esq. para a dir.: Adílson, Zetti, Ronaldão, Vítor, Pintado, Ronaldo Luiz e Toninho Cerezo
Agachados: Müller, Palhinha, Cafu e Raí



**Campeão
Mundial
1992**



Em pé da esq. para a dir.: Zetti, Dinho, Ronaldão, Cafu, Leonardo e Toninho Cerezo
Agachados: Müller, Doriva, Válber, Palhinha e André Luiz



**Bicampeão
Mundial**

1993

Um olhar e tanto

A são-paulina **PIETRA BERTOLAZZI** estreou este ano no mundo da moda. E já está arrancando suspiros

Por Clarissa Vassimon

Era o primeiro sábado de agosto. São Paulo e Internacional fariam o jogo principal no Estádio Morumbi pelo Campeonato Brasileiro. Aos poucos, o Cícero Pompeu de Toledo foi sendo tomado por torcedores.

Enquanto as pessoas se acomodavam, dois times femininos entravam em campo. Era uma preliminar em prol da campanha Natal dos Sonhos, da Pastoral do Menor, cujo objetivo é arrecadar brinquedos para distribuir por todo o País.

De um lado, as coelhinhas da revista *Playboy*. Do outro, as garotas da agência Mega Models. No final, o placar exibiu

2 a 0 para as modelos.

Além de proporcionar alegria a crianças carentes, quem esteve presente ao evento pôde conhecer um pouquinho do charme e do talento de Pietra Bertolazzi, autora do segundo gol.

Ela tem apenas 17 anos e resolveu encarar o mundo da moda em 2003. Sua irmã e seu irmão mais velhos começaram a incentivá-la há cerca de dois anos.

Pietra, porém, parecia não se interessar. Até que, no último réveillon, encontrou, por acaso, um dos proprietários da Mega Models em Florianópolis. Depois

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

Seu pai é palmeirense. Sua mãe, corintiana. Mas quem a influenciou mesmo foram seus irmãos mais velhos, ambos tricolores. Pietra, então, tornou-se são-paulina e nunca mais deixou de ser.

Hoje, quando tem tempo, gosta de acompanhar as partidas do time do coração.

Sua seleção teria Luís Fabiano, Kaká, Ricardinho e Rogério Ceni. Na opinião dela, o jogador brasileiro mais bonito da atualidade é o ex-são-paulino Kaká, que está no Milan. Já o atleta do coração... "É o Luís Fabiano", diz.

"Chega a ser feio quando é esquelética. Não gosto daquela coisa sem peito e bumbum"



Nascimento: 17/01/86
 Signo: capricórnio
 Local: São Paulo
 Altura: 1,76m
 Peso: 52 quilos

Pietra:
 apaixonada
 por futebol

CHUTANDO DE PRIMEIRA

Cantora: Alanis Morissette

Filme: *Grease, Nos Tempos da Brilhantina*

Teatro: A peça do Rei Leão, que vi em Los Angeles e achei incrível

Ator: John Travolta

Bandas: Metallica, Nirvana, Sex Pistols e Led Zeppelin

Estilo: Básica

Homem perfeito: Aquele que sabe ouvir. Tem de ser seu melhor amigo e educado

MULHER: MINHA IRMÃ

Comida preferida: Japonesa

Amigo: É a família que você escolhe

FUTEBOL: A CARA DO BRASIL. ESPORTE QUE MAIS CURTO E GOSTO DE JOGAR

Família: Estrutura, educação

Virtude: Saber aprender com as coisas ruins que acontecem na vida

Humildade: Essencial em qualquer momento

de uma reunião com os sócios da agência, acabou aceitando o convite.

Mas um outro motivo também não permitia que ela se dedicasse a essa carreira. "Não comecei antes porque meus pais queriam que eu acabasse o colégio primeiro. Fiz um supletivo para poder concluir o terceiro colegial mais cedo", explica.

VIDA DE MODELO NÃO TEM ROTINA

Dividida entre o sul do País - pois seu pai vive em Santa Catarina - e São Paulo, retornou à capital paulista por conta da profissão.

Morando aqui há quatro meses, hoje não lhe resta muito tempo para as baladas. Já que pode aparecer trabalho de final de semana. Quando sobra uma folga, seu divertimento favorito são as raves, festas que têm a música eletrônica como trilha sonora.

A única atividade fixa que pratica três vezes por semana é o Pilates, sistema de movimentos precisos, concentração e controle da respiração que se baseia no fortalecimento dos músculos abdominais, dando apoio à espinha dorsal, o que melhora a flexibilidade e a postura. "Procurei o horário mais cedo, por volta de sete da manhã, porque realmente nunca sei o que vou fazer no dia", afirma.

Pietra é do tipo que evita frituras. Não resiste, en-

tretanto, à tentação do chocolate. "Sou viciada. É uma coisa que, se não como, fico mal. Durante a semana, dou uma controlada. Mas, aos sábados e domingos, é inevitável", revela. Também não toma refrigerantes, mas por convicção. "Não bebo há uns três anos. Não gosto e

acho que faz mal".

Para ela, ser magra é uma necessidade profissional. A modelo tem de estar esbelta para que as roupas caiam bem. E pronto. "Chega a ser feio quando é esquelética. Não gosto daquela coisa sem peito e bumbum", opina.

BATE-BOLA

Se você não fosse modelo, o que seria?

Sempre quis estar ligada à moda. Poderia fazer um curso nessa área. Também gosto de desenhar. Se puder viajar, ir para Europa, gostaria de fazer costura ou desenho. Poderia até abrir uma loja.

Como você se esquivava das cantadas?

Quando o cara chega para perguntar meu nome, falo Jandira ou Naiara (*risos*). É engraçado. Nunca fui antipática. Lógico que existem aqueles mais grossos que agarram e puxam. Daí reclamo. Mas normalmente é tranqüilo.

Gostou de ter participado da campanha Natal dos Sonhos?

Estávamos lá por uma causa. Foi uma brincadeira divertidíssima que as agências fizeram. Hoje, é difícil alguém ter a preocupação de fazer uma campanha para doar brinquedos a crianças carentes. Por isso, foi muito legal participar. Fizemos com o coração.

Qual é o lugar mais bonito que você conheceu?

Fiquei um ano na Nova Zelândia. E, com certeza, foi o melhor de minha vida. Foi o lugar mais bonito que conheci. Fui estudar lá.

Existe alguma modelo brasileira que você admire, ache bonita?

Sem dúvida nenhuma, a Ana Hickmann. Ela é aquela mulher que passa e te deixa de queixo caído. Não tem o que tirar nem pôr.

Quais são suas atividades favoritas nas horas vagas?

Quando fico em casa, adoro ler. Também gosto de ir para a praia, principalmente no sul. Curto música eletrônica. Agora, estou começando a tocar guitarra. Já fiz aula de violão quando era mais nova. Mas só faço quando vou para o sul. Aqui em São Paulo não dá mesmo. Gosto de house music. Estou, porém, curtindo uma coisa mais psicodélica. Mais pesada.

EDITOR

Responsável pela publicação de textos. Ele revisa, edita e prepara reportagens com sua equipe de jornalistas. Geralmente, é o último a sair da redação. Responde, total ou parcialmente, pelo conteúdo de um veículo de comunicação.

FOTOS RUBENS CHIRI

Fernando Santos,
editor-executivo do
Lance! em São Paulo:
matérias para cima

Valdomiro Ferreira Neto,
chefe de reportagem do
diário: pautas flexíveis

Olho no lance!

Para mostrar como se produz uma matéria, a REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO acompanhou a equipe de reportagem do diário de esportes *Lance!* durante um dia de intenso trabalho

Por Alessandro Gonçalves

O leitor até pode imaginar que vida de repórter de futebol é fácil e repleta de glamour. Afinal, nada melhor do que ser pago para ficar perto dos maiores astros do esporte número 1 do país e, de quebra, frequentar o ambiente dos grandes clubes.

A realidade, porém, não condiz com essa visão apaixonada e quase platonica, principalmente se o jornalista trabalhar em veículo de circulação diária, o que exige boa dose de criatividade e agilidade.

De maneira geral, a cobertura das grandes equipes fica a cargo do setorista. Esse profissional dedica-se à rotina de um time com exclusividade. Na oportunidade em que acompanhamos a reportagem do *Lance!*, a equipe do diário foi formada pelo repórter Milton Pazzi Jr. e o fotógrafo Gaspar Nóbrega.

Mas o setorista que cobre o Tricolor há mais tempo é Giovane Martineli, que no dia escolhido estava curtindo sua folga. Atualmente, seu parceiro é Leandro Canônico. "Não existe regra fixa quanto ao número de repórteres que enviamos. Normalmente, mandamos apenas um aos jogos", esclarece Fernando Santos, editor-

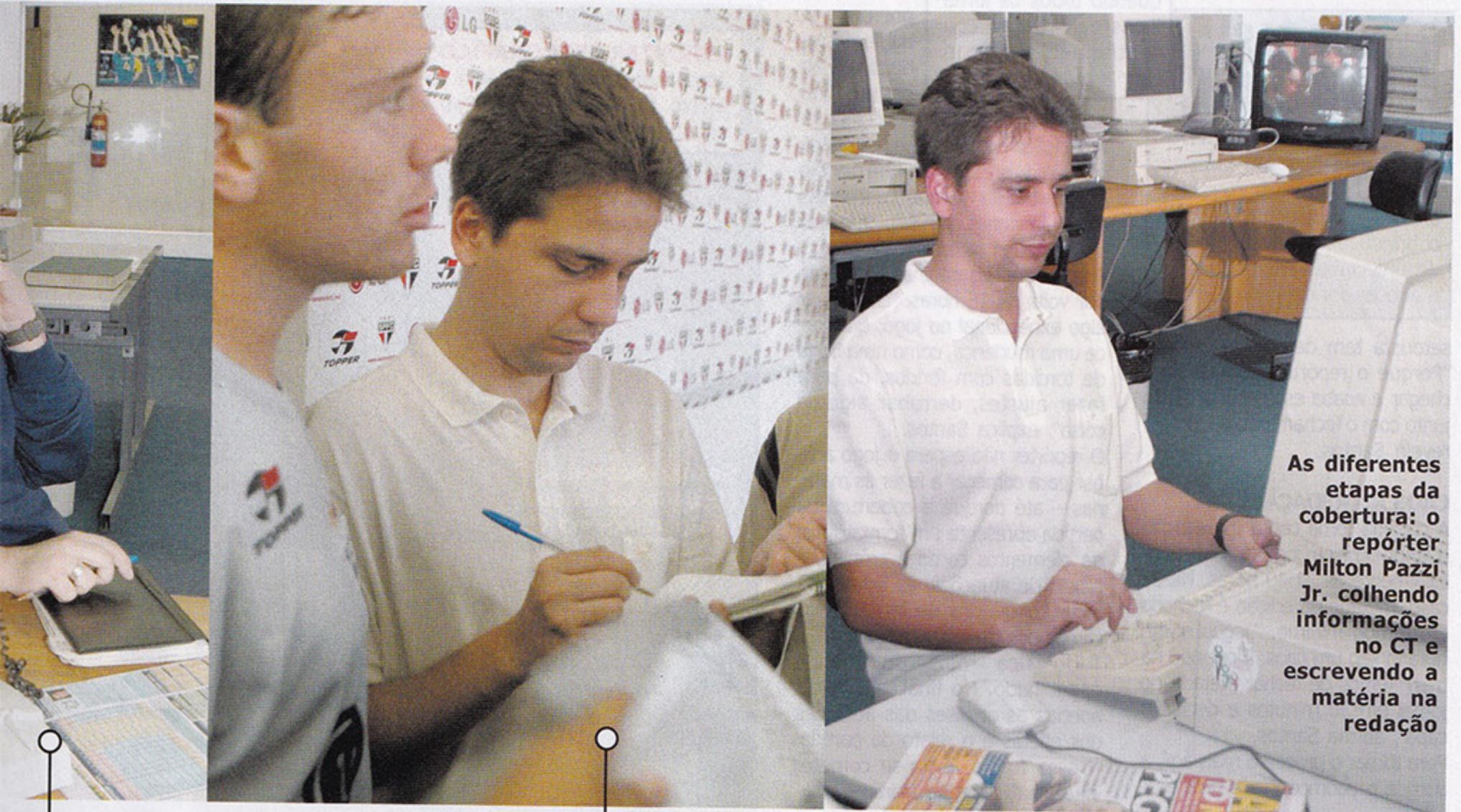
executivo do diário em São Paulo. Além do jornalista, a reportagem conta sempre com, pelo menos, um fotógrafo.

COMO NASCEM AS REPORTAGENS

O repórter discute uma proposta com o chefe de reportagem, mais conhecido como pauteiro. Depois de determinado o esboço da pauta, a idéia é encaminhada ao editor. Geralmente, isso é feito um dia antes de ela ser executada e não é incomum que mude. "Pode mudar de acordo com o que role no clube", explica Pazzi.

Valdomiro Ferreira Neto, chefe de reportagem do diário, afirma que sempre há um diálogo para que o repórter saiba, mais ou menos, com quem falar e o que fazer. "Colocamos o ponto principal para o cara desenvolver. Mas não esmiuçamos de maneira exagerada", diz.

Para que a fonte de pautas não seque, porque nem sempre dá para pôr em foco só o que é factual, o repórter precisa ter e consultar arquivos com as fichas de todos os jogos do clube no ano, as estatísticas de cada jogador e os números do time em temporadas passadas. Com esses dados, é possível elaborar reportagens fazendo comparações, por exemplo, entre um



As diferentes etapas da cobertura: o repórter Milton Pazzi Jr. colhendo informações no CT e escrevendo a matéria na redação

COORDENADOR DE REPORTAGEM/PAUTEIRO

O coordenador de reportagem tem várias funções como discutir pautas, fazer reuniões diárias para analisar o conteúdo da publicação e ficar atento ao que é divulgado pelos outros veículos e ao erros e acertos do próprio jornal, além de coordenar a equipe de reportagem.

técnico e outro, o desempenho da equipe em anos anteriores, quantas vezes a escalação foi repetida e por qual setor saiu a maioria dos gols.

Se o repórter conhecer a história dos atletas do elenco, melhor ainda. Isso pode render matérias es-

REPÓRTER

Jornalista que se desloca da redação para cobrir um acontecimento. Na cobertura diária dos grandes clubes, existe a figura do setorista, repórter que cobre o ambiente de um único time.

peciais. "Um exemplo que posso citar é o caso do lateral-direito Tiago. Eu sabia que ele morava em uma favela. Quando entrou na equipe no jogo contra o Grêmio, logo pensei em fazer a matéria na casa dele no dia seguinte. E foi isso o que fiz", afirma Martineli.

TREINO DE MANHÃ
O repórter tem mais

PAUTA
Assunto levantado e discutido numa reunião que origina reportagens.

O CAMINHO DE UMA MATÉRIA

A reportagem nasce nas reuniões de pauta. Após algumas discussões, parte-se para a execução dela. O repórter vai ao treino ou ao jogo colher informações. Depois escreve o texto, que é lido e liberado por um editor.

Na seqüência a reportagem, editada, é passada ao departamento de arte, que cuida da parte gráfica. São feitas as provas (impressões ou prints), que devem ser revisadas pelos editores responsáveis. Após todo esse processo, ela em tese está pronta para ser publicada.

tempo para escrever seu texto e apurar fatos, pois o fechamento só ocorre às 20:30 horas. Ao retornar com todas as informações checadas no início da tarde, ele discute com o editor o enfoque que será dado. Cabe a este último avaliar o que será notícia.

Somente depois disso é que o setorista começa a redigir. No início desse processo, já tem em mãos o esboço da página com tamanho e formato definidos. "O repórter escreve direto nesse espaço, que traz a quantidade exata de texto", afirma Alex Borba, editor de arte do *Lance!*.

Após concluir a matéria, o repórter a passa ao editor. Ele faz as eventuais alterações e a libera para o departamento de arte, que cuida da parte visual.

A missão do repórter ainda não acabou. Ele deve ficar de antenas ligadas. Pois, se acontece algo relevante no clube durante à tarde, sua reportagem pode ser modificada.

TREINO À TARDE

O procedimento é o mesmo. A história, porém, muda pelo fato de haver menos tempo para escrever a matéria, já que o horário de fe-

"Jogos às 21:40 horas são um caos. E quando há três? Temos de fechar metade do jornal em 30 minutos e decidir a capa"

FERNANDO SANTOS

chamento permanece inalterado. Antes de ir ao CT, o repórter deixa o máximo de material preparado. Mas, acontecendo um fato que mude a rotina do clube, como uma briga ou uma lesão séria, a pauta cai. "Aí o repórter precisa ligar para a redação e informar aos editores, que já mudam o espaço para o clube", explica Martineli. Quando o treino é à tarde, o

O LANCE DAS CURIOSIDADES

RODÍZIO DE SETORISTA

Você sabia que, no *Lance!*, normalmente o repórter fica, durante o período de um ano, cobrindo apenas o ambiente de um clube? Ele pode permanecer por dois no máximo.

setorista tem de suar a camisa. "Porque o repórter demora para chegar e acaba escrevendo quase junto com o fechamento do jornal", revela Santos.

CAOS NA REDAÇÃO

A correria toma conta da redação quando ocorrem jogos à noite, principalmente às 21:40 horas. Nesse caso, metade da edição é fechada em tempo mínimo. "Jogos nesse horário são um caos. E quando há três? Temos de fechar metade do jornal em 30 minutos e decidir a capa", afirma Santos.

Para tornar o processo mais ágil, a partida é acompanhada pela tevê

"Às vezes, um atleta que não fez uma jogada durante toda a partida marca um goloço no fim, dá a vitória ao seu time e uma dor de cabeça a você, que precisa mudar sua avaliação sobre ele"

GIOVANE MARTINELLI,
repórter do diário *Lance!*

DEADLINE

Último momento de entrega de reportagens. É o chamado fechamento, quando todos os jornalistas da redação concentram-se para concluir a publicação.

por uma equipe da redação. Ao campo vai

apenas um repórter para colher informações e declarações. A clássicos vão dois. "Também tem o apoio do pessoal da agência LancePress (www.lancenet.com.br), que nos passa dados factuais", diz Pazzi. A estrutura das páginas é definida por volta de 15 horas. "Se houver algo excepcional no jogo, que force uma mudança, como uma briga de torcidas com feridos, dá para fazer ajustes, derrubar alguma coisa", explica Santos.

O repórter não espera o jogo acabar para começar a fazer as matérias – até porque a cobertura da partida apresenta um formato fixo de elementos como a crônica, a tabela de atuações, as fichas técnicas, o quadro de lances e os campinhos de esquema tático. Tudo fica mais ou menos engatilhado. No final, são feitas apenas as análises das atuações dos atletas e o relato da partida.

"Dessa forma, evita-se cometer injustiças", acredita Martineli. Mas pode haver contratemplos se acaso o resultado mudar no final.

"Às vezes, um atleta que não fez uma jogada durante toda a partida marca um goloço no fim, dá a vitória ao seu time e uma dor de cabeça a você, que precisa mudar sua avaliação sobre ele", conclui Martineli.

No fechamento, o editor-executivo, para não ficar sobrecarregado, conta com a ajuda de três editores-assistentes. "Fazemos uma espécie de pool para trabalhar mais rapidamente", diz Santos.

AS FOTOS

O repórter-fotográfico trabalha em parceria com o repórter para não correr o risco de errar na confecção da pauta. Quando o treino é de manhã, ele pode voltar para a redação e deixar lá o que produziu. Mas, quando é à tarde, o material segue por e-mail. "Vai editado dentro do que foi pedido e combinado para arquivo. Além disso, levo em consideração a plasticidade e a filosofia do jornal", explica Nóbrega.

Já a cobertura de jogo exige mais adrenalina e atenção. "Aprendi a usar o rádio para ficar ligado no que está rolando", observa. "Lamento quando perco o lance. Fico bravo comigo mesmo", completa. O *Lance!* costuma deslocar dois fotógrafos ao campo, que chegam

REPÓRTER-FOTOGRAFICO

Jornalista responsável pelo registro fotográfico de fatos e acontecimentos.



Gaspar Nóbrega clicando os craques são-paulinos no CT



Os repórteres-fotográficos Gaspar Nóbrega (primeiro à esq.), Reginaldo Castro e Eduardo Viana (de camiseta vermelha) editando imagens

duas horas antes do início do jogo. Após os 30 minutos iniciais, um deles vai à sala de imprensa, quando o estádio disponibiliza uma linha telefônica, para enviar fotos por e-mail. Depois é a vez daquele que ficou fazer sua primeira transmissão de imagens. Às vezes, porém, um deles é obrigado a editar o que ambos produziram.

Quando o lugar não oferece infraestrutura, uma linha telefônica é o suficiente para fazer esse serviço. Mas, quando nem isso o estádio proporciona, a saída, pelo menos na cidade de São Paulo, é o motoboy, que leva as imagens para a redação em HD (disquete). "Ele faz duas ou três viagens. Do Pacaembu até o *Lance!*, por exemplo, gasta uns 15 minutos", esclarece Nóbrega.

A ESCOLHA DAS FOTOS

Primeiramente, decide-se quem é o personagem central da reportagem. Depois de escolhido, o departamento de arte pede ao de fotografia as imagens necessárias para ver qual delas se encaixa melhor. Os editores debatem até chegarem à foto ideal. "Às vezes, o editor olha e diz que o jogador está cabisbaixo e que seria melhor uma foto em que o cara estivesse em posição de força, por exemplo", explica Borba.

EDITOR-ASSISTENTE

Auxilia o editor-executivo. Quando este não está na redação, o editor-assistente é o responsável pelo conteúdo das matérias produzidas e o fechamento delas.



Nos jogos: atenção e adrenalina para captar os melhores lances; sentado à frente, Ari Ferreira, do *Lance!*

EQUIPAMENTO FOTOGRÁFICO

Hoje, o repórter-fotográfico leva para o campo vários equipamentos. Entre eles, lentes especiais, compactador de arquivos para armazenar fotos digitais, laptop e obviamente máquina. Além disso, alguns carregam também um rádio portátil para ouvirem a transmissão da partida. Isso termina auxiliando em determinadas situações.



Fotógrafos na sala de imprensa do Morumbi: envio rápido de material à redação

CONFORTO PARA TRABALHAR

Nem todos os estádios oferecem infra-estrutura adequada à imprensa. Mas o Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi, possui uma sala especial que possibilita que repórteres trabalhem com mais agilidade e tranquilidade. "O que tem de melhor em São Paulo está no Morumbi. A linha fixa permite conectar seu computador e enviar o material para a redação super-rápido", diz Nelson Almeida, repórter-fotográfico do *Lance!*. "Além das boas condições de trabalho, pode-se deixar o computador lá porque sempre fica uma pessoa do clube para verificar quem entra no recinto e sai dele", complementa.

QUANDO O EDITOR TEM UM COLAPSO

Se você pensou que é no fechamento, errou. Na realidade, o editor-executivo Fernando Santos quase tem um colapso quando o repórter chega à redação sem uma boa matéria. Ele não gosta de reportagem que desanime o torcedor. De acordo com Santos, isso não gera desejo no leitor. "O repórter não pode trazer uma notícia que não crie interesse. Se o time está mal, vamos mostrar qual é a saída, quais são as alternativas possíveis. Não podemos ficar apenas metendo o pau. Essa não é a nossa intenção".

A EMOÇÃO DE REGISTRAR UM LANCE POLÊMICO

No ano passado, o repórter-fotográfico do *Lance!* Reginaldo Castro registrou um momento que ficou guardado na memória de quase todos que acompanham futebol. Na partida entre São Paulo e Fluminense pelo Campeonato Brasileiro, ocorrida em 15 de setembro – oportunidade em que o Tricolor paulista ganhou por 6 a 0 –, o atacante Romário perdeu a cabeça e deu um soco no zagueiro Andrei, de seu próprio time. "Escutei pelo rádio o repórter falando que o Romário estava estranho. Então fiquei ligado", comenta Castro. "Às vezes, a gente sabe, pela posição do pé, para onde o jogador vai correr", dá a dica.



EDITOR DE ARTE

Profissional responsável pelo projeto gráfico de uma publicação.

Alex Borba, editor de arte do diário: ousadia nas páginas

AGRADECIMENTOS DIÁRIO LANCE!

FOTOS RUBENS CHIRI

URUGUAIANO

sangue bom

Diego Lugano faz cara de bravo quando está em campo, mas fora esbanja simpatia

Por Carlos Mesquita
Fotos Rubens Chiri

Diego Alfredo Lugano Moreno desembarcou em São Paulo em março. Passado algum tempo, comunica-se bem com jornalistas brasileiros e companheiros de equipe. Num primeiro momento, porém, era acanhado. Estava na realidade observando e conhecendo melhor o ambiente que o cercava. Rapidamente se sentia à vontade, em casa. E assim começaria a mostrar seu jeito mais, pode-se dizer, brasileiro.

Como típico e bom atleta latino, é raçudo e sempre está disposto a suar sangue pela equipe. Apesar da maneira séria de relacionar-se com

o trabalho, esbanja carisma. É simpático com todos à sua volta. Um leão dentro de campo, mas um cavalheiro com torcedores e imprensa.

Natural de Canelones, pequena cidade do Uruguai com cerca de 25 mil habitantes, cresceu num sítio. O esforço de seus pais lhe garantiu boa educação e uma infância divertida. "Fiz tudo que uma criança gosta de fazer. Joguei muita bola e recebi bastante carinho. Na minha casa, nunca sobrou nada. Mas também não faltou", afirma.

Lugano deu seus primeiros chutes quando começou a andar, pois, como no Brasil, o futebol no Uruguai mexe muito com todos, independente de idade.

ONDE TUDO QUE COMEÇOU

O zagueirão iniciou no Libertad de Canelones. Mas mudaria de cidade e de clube em breve. Terminou indo para o Nacional, de Montevideu, time em que ficou por dois anos na categoria de juniores até ser alçado ao profissional, aos 17 anos.

Quando isso aconteceu, Lugano teve de tomar uma séria decisão. Estava concluindo a etapa secundária do colégio e tinha de optar entre continuar seus estudos ou dedicar-se integralmente ao futebol. Ele demonstrava interesse pela área de economia. Mas optou por abraçar a carreira de bolei. "Essa decisão foi muito importante para mim e minha família. Hoje, acho que fiz o correto".

Depois de escolher o rumo, foi defender o Plaza Colonia. Lá, permaneceu durante um ano. E, de acordo com suas próprias palavras, a experiência adquirida foi positiva nesse período, pois havia se tornado, aos 20 anos, o capitão do time. Além disso, foi eleito pela imprensa local o melhor zagueiro do país. No retorno ao Nacional, já desfrutava outra reputação. "Devagar fui conquistando meu lugar. Quando voltei, tinha mais experiência".

DESAFIO

Embora gozasse de estabilidade e crédito onde estava, Lugano aceitou de imediato o desafio que representava vestir a camisa do Tricolor do Morumbi. Conversou com alguns nomes de peso, como o uruguaio e ex-tricolor Pedro Rocha, sobre a investida e todos foram unânimes em dizer que ele deveria aceitar.

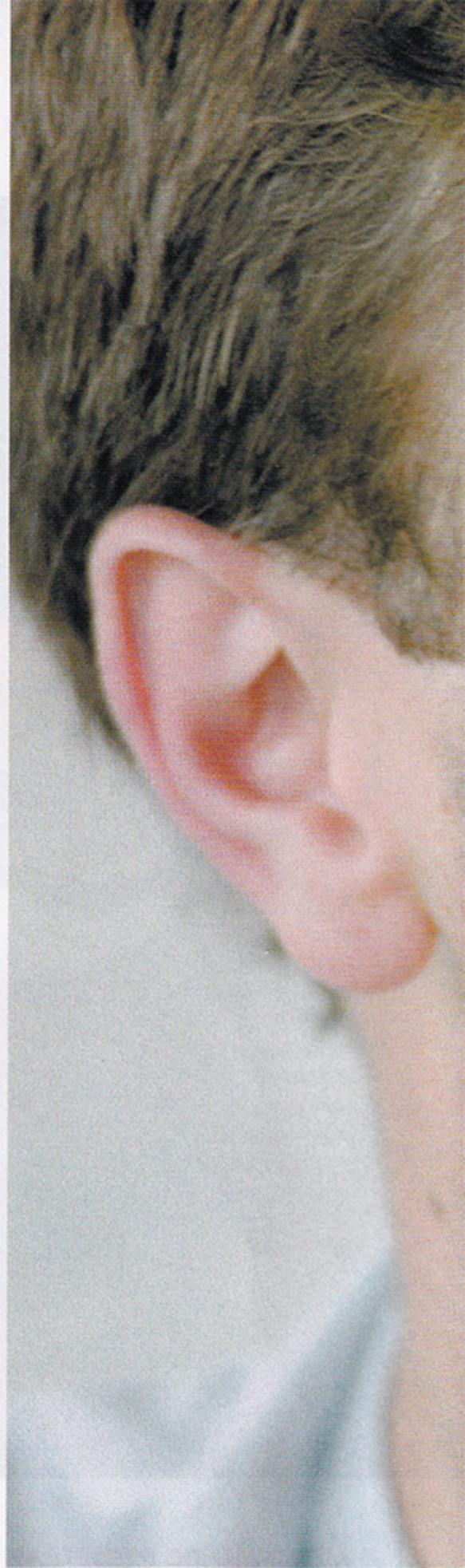
Sua transferência ocorreu rapidamente, sem desgastes. No princípio, ele tomou conhecimento do interesse do São Paulo por meio de um jornalista. "Terminei de jogar uma final e um repórter me perguntou se eu vinha para São Paulo. Depois, o dirigente do clube quis saber se, no dia seguinte, eu tinha

Ídolos

Lugano tem como ídolo o zagueiro Hugo De León, que, durante muito tempo, defendeu o Nacional. O jogador também atuou no Brasil, pelo Grêmio de Porto Alegre. "Foi duas vezes campeão do mundo. Jogava muita bola. Era um zagueirão estilo Dario Pereyra", compara.

Outro que, na opinião de Lugano, bate um bolão é Paolo Montero. "Faz oito anos que ele joga num alto nível na Juventus. É um cara de muita raça e seriedade também".

Quanto aos brasileiros, Cafu é o nome. "Disputou finais de Copa do Mundo e sempre se manteve nos melhores times que existem. É um cara impressionante".



RAIO X**DIEGO** Alfredo**LUGANO** Moreno**Nascimento:****02/11/80****Local: Canelones
(Uruguai)****Altura: 1,88 m****Peso: 85 quilos****CLUBES PELOS
QUAIS ATUOU****1998 - Libertad de
Canelones - Uruguai****1999/2001/2003 -****Club Nacional de
Futbol - Uruguai****2002 - Plaza****Colonia - Uruguai****Típico atleta latino:
disposto a suar sangue
pelo time**

possibilidade de vir para cá. Não tive dúvida de enfrentar esse desafio. Isso foi num domingo. Terça-feira já estava aqui".

No Brasil, adaptou-se sem dificuldades. "Acho que estava mais preparado para essa mudança do que minha família. Encontrei pessoas que fazem o possível para que eu

me sinta bem. Não tem como não gostar".

Em relação ao futebol praticado em terras tupiniquins, ele afirma tratar-se do melhor do mundo. Mas não vê maiores obstáculos por conta disso. "Se você chega a um país e joga, vai se adaptar logo com os companheiros, as pessoas e a tor-

cida. O futebol não tem muito mistério", argumenta.

QUASE WORKAHOLIC

Lugano é um atleta extremamente aplicado. Está sempre disposto a trabalhar para corrigir as deficiências. Após os treinos coletivos, costuma ficar no campo aperfeiçoando fundamentos. Depois, ainda é capaz de encarar sessões de musculação e fisioterapia. "Sempre há algo para aprender e corrigir. É preciso saber chutar de esquerda e de direita. Tento fazer tudo. Vivo disso. Tenho de investir na minha profissão, porque o São Paulo paga a mim para que eu esteja 100%. Mas tudo isso é prazeroso", explica. Apesar de ser quase um workaholic,

o jogador não dispensa as folgas. Faz questão de passar os momentos de lazer ao lado da esposa, do filho e dos amigos. Seus passeios em São Paulo dividem-se entre idas a shoppings, cinemas e restaurantes. Aliás, o zagueirão já descobriu alguns bons lugares que servem comida típica uruguaia. Mas ele confessa que tem se deliciado com nossas especialidades. "Estou gostando do churrasco brasileiro, é diferente, e do arroz com feijão".

No final do ano, Lugano geralmente passa alguns dias em Canelones, onde seu passatempo favorito é caçar javali, além de pescar, montar acampamento e ficar bem sossegado. "Dedico três ou quatro dias a isso. Gosto de me desligar do mundo".

"Quando se fala de ZAGUEIRÃO, o cara menciona o DARIO PEREYRA. Esse uruguaio deve ter jogado muita bola, porque todo mundo fala dele"

Bate-bola com o zagueirão

Você tornou-se profissional no Nacional, mas foi transferido para outro time em seguida. O que aprendeu com essa experiência?

Aprendi o valor que tinha estar num time grande por conta da possibilidade que o futebol lhe dá de crescimento pessoal e econômico. Também aprendi a valorizar tudo que tenho.

O banco de reservas o incomoda? Como era ser reserva de Alejandro Lembo?

Fui reserva do Alejandro Lembo no começo. Mas, quando retornei do Colonia, já era titular. Como vocês falam, voltei com moral, experiência, algum nome e mais maduro. O Nacional é um time muito grande no Uruguai. Foi tricampeão do mundo, tricampeão da América. Para um garoto, era difícil por conta da pressão. Vim para o São Paulo em março. Só joguei um mês e meio lá. Não deu para fazer muita coisa.

A sua chegada causou polêmica, disseram que o Oswaldo teria sido demitido, entre outros motivos, por não aproveitá-lo. Isso prejudicou seu futebol?

Profissionalmente prejudicou, sim. Quando se começa a enfrentar um novo desafio, tem de ser do zero. Cheguei aqui e se passaram os dias e as semanas. Senti, então, que deveria começar de menos 10. Em outro país, iniciar assim é bem mais difícil. Se antes eu tinha de colocar 100%, deveria pôr uns 200% naquele momento. Se eles me cobravam 300%, deveria pôr uns 1000% para sair desse poço em que me jogaram. Era um desafio novo. Mas pessoalmente nada me afe-

ta. Sou muito correto em tudo que faço e com todos à minha volta. Fui educado assim. Então, sendo honesto, posso olhar meu filho com dignidade. Dou um beijo nele sempre de cabeça erguida. Ele vai poder ficar orgulhoso de mim, acho eu. Faço o que faço porque sou honesto. Ninguém nunca tem nada para me falar. O que me importa é dormir tranquilo e olhar as pessoas de frente.

Você ganhou chance no time a partir do momento em que o Rojas assumiu. Foi isso mesmo?

Não. Quando o Oswaldo de Oliveira foi embora, eu estava habilitado para atuar. Mas ele foi antes de eu poder jogar. O que foi falado são bobagens que se dizem no futebol. Estamos preparados para que entre por aqui (*apontando para um ouvido*) e saia por aqui (*mostrando o outro*). Quando o Rojas assumiu, falou que eu iria jogar uns 30 minutos para me apresentar à torcida. Ele foi muito legal comigo.

O fato de o São Paulo ter tido grandes jogadores uruguaios (veja box na pág. 41) o estimula?

Estimula muito. Sei que todos eles foram grandes jogadores. Pedro Rocha, por exemplo, já era reconhecido quando veio para cá. Era campeão do mundo e da América. Era um cara consagrado. Também sei da história do Dario. Ele era muito jovem quando chegou. Passou uma fase difícil aqui logo no começo. Mas, com o tempo, mostrou que era um jogador de muita qualidade. Até hoje me surpreendo na rua. Quando se fala de zagueirão, pegando taxi, independente de ser corintiano,

Chutando de primeira



FELICIDADE - Chegar em casa todos os dias e ver meu filho me chamar de papai. E também quando amigos me ligam do Uruguai e do Brasil me convidando para fazer um churrasco

SÃO PAULO - Um passo muito importante na minha carreira e espero fazer o melhor possível aqui

BEBIDA - Suco de laranja e vinho. Em minha casa, fazemos vinho

FUTEBOL - Além de minha família, é toda a minha vida. Me

deu muita oportunidade, não só econômica, mas de conhecer gente, costumes, o gosto da vitória. Futebol, nesse sentido, é extraordinário

DINHEIRO - Importante, sem dúvida. Agora, por exemplo, meu pai passou por um momento difícil. Ele não estava muito bem de saúde e o medicamento estava caro. Nesse sentido é importante

FRUSTRAÇÃO - O divórcio de meus pais. Eu tinha 14 anos. Mas nada que não me permita olhar para frente e continuar

MULHER - Primeiramente, tem de ser boa mãe. Depois companheira. É muito difícil ser esposa de jogador de futebol. Mas, sen-



No aconchego de sua casa com a esposa e o filho

SONHO - Ficar com a minha família unida, com saúde e poder fazer muitos amigos e ter uma vida muito gostosa. Também conquistar algum título com o São Paulo e depois disputar algum mundial com a seleção uruguaia

ou com minha família. Mas nada que tenha me marcado muito

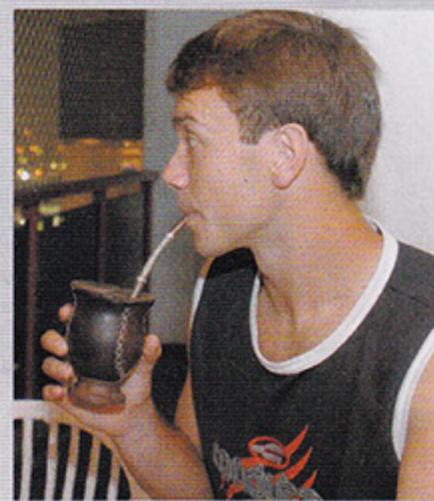
UM DEFEITO SEU COMO PESSOA - Rancoroso. Mas com as pessoas que fazem mal a mim, a minha família e a meus amigos. Não consigo esquecer. Mas estou falando de coisa séria, de traição, por exemplo

do boa mãe e companheira, dá para fazer um bom matrimônio

LUGAR MAIS BONITO QUE CONHECEU - San Sebastian, ao norte da Espanha. No Brasil, Fortaleza. Fomos jogar lá e vi a praia da janela do quarto do hotel

MEDO - De não ser um bom pai

TRISTEZA - Talvez um dia ruim no futebol



HOMEM - Meu pai. Nunca se vendeu por nada. Sempre teve dignidade. Nunca falhou nisso. Sempre me deu esse exemplo

UMA QUALIDADE COMO PESSOA - Procuo o bem-estar de quem está perto de mim

UM DEFEITO COMO JOGADOR - Faço muitas faltas perto da área

UMA QUALIDADE COMO JOGADOR - Jogar para o time

palmeirense ou são-paulino, o cara menciona o Dario Pereyra. Esse uruguaio deve ter jogado muita bola, porque todo mundo fala dele. Além do mais, é muito difícil um zagueiro ser reconhecido assim.

Você já conhecia o Pedro Rocha antes de vir para cá?

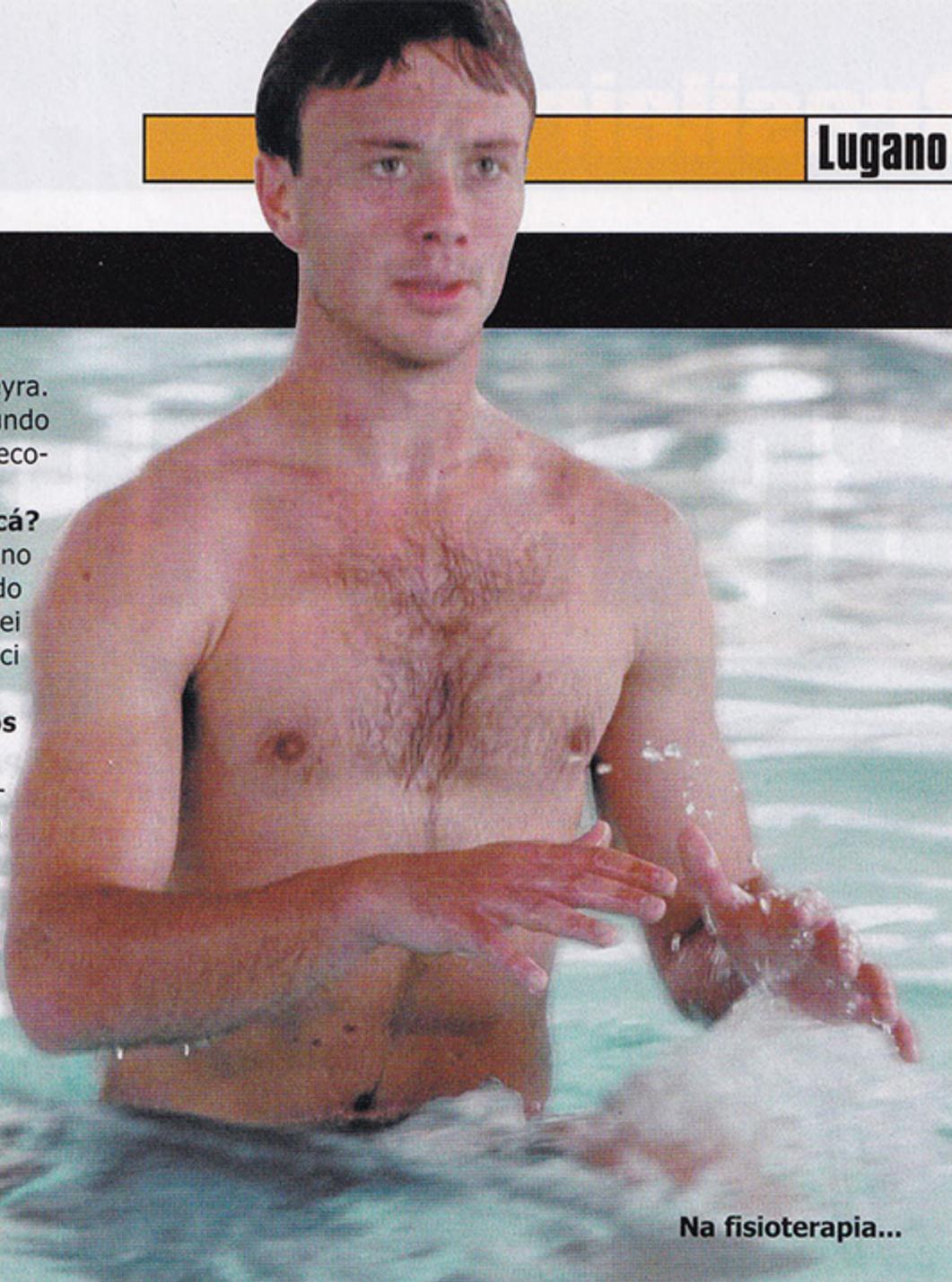
Já o conhecia porque foi um grande jogador. Tanto aqui no São Paulo quanto no Uruguai foi idolatrado. Campeão do mundo duas vezes, campeão da América. Sempre escutei histórias dele como jogador. Mas pessoalmente o conheci aqui em São Paulo.

A torcida e a imprensa são mais implacáveis com os zagueiros no Brasil?

Certamente. No Brasil, encontrei um pouco mais de fanatismo nesse sentido. Quando o time perde, a culpa sempre é do zagueirão. Ninguém analisa o lateral, o volante, o meia. As pessoas sempre criticam o zagueiro. Em todo lugar é igual. Mas acho que, aqui em São Paulo, o torcedor é mais fanático. Às vezes, o defensor salva mil bolas, faz tudo bem e não tem culpa no gol. Mas ele é quem paga.

A questão da segurança o assustou aqui?

Sim. Tenho 22 anos, meu filho, três; e minha esposa, 21. Somos muito jovens. Temos muito o que aprender. Quando vou jogar fora, me preocupo com eles. Mas é normal. Na realidade, não é nada em excesso. São precauções comuns. Acho que o principal é orientá-los.



Na fisioterapia...



...e enfrentando um batalhão de repórteres durante coletiva

Conterrâneos que marcaram época

O São Paulo tem a tradição de trazer jogadores conceituados de toda a América do Sul. Vários nomes de peso passaram pelo clube, como os argentinos Renganeschi, Albella e Sastre. Mas os uruguaios também marcaram época. Na década de 70, a torcida conheceu três que entraram definitivamente para a história.

Em 18 de maio de 1970, chegaria ao Morumbi o lateral-direito Pablo Justo Forlan Lamarque. Sua maior característica era a garra. Forlan, que nasceu em Soriano no ano de 1945, não dava mole. Era do tipo que marcava em cima. Segundo histórias de torcedores, o jogador gostava de amedrontar seus adversários nos cinco minutos iniciais da partida, pois, de acordo com ele, o juiz nunca distribuía cartões. Forlan deixou o São Paulo em 1 de setembro de 1975.

Outro uruguaio que veio defender as cores da equipe em 1970 foi Pedro Virgílio Rocha Franchetti. Natural de Salto, El Verdugo, como ficou conhecido, permaneceu no clube durante nove anos. Esse meia-armador era dono de extrema categoria, além de ter uma visão de jogo impressionante. Ao todo, fez 375 jogos pelo time e marcou 113 gols.

Em 7 de julho de 1977, era a vez de Alfonso Dario Pereyra Bueno. Chegou como volante e teve uma certa dificuldade para firmar-se. Mas,

depois de um ano, começou a jogar o fino da bola. Adquiriu confiança atuando na quarta-zaga, mas por vezes jogou como volante. E mandou bem. Tinha muita velocidade, era bom defensor e ainda sabia armar. Quer mais? Ficou quase 11 anos no São Paulo Futebol Clube e fez 39 gols.

“O que me importa é dormir TRANQUÍLO e olhar as pessoas de frente”

→ A etapa inicial de **SÃO PAULO** e Paysandu não teve fortes emoções. Mas, no segundo tempo, o jogo melhorou e o Tricolor levou a melhor

Brasileiro 2003



Rogério Ceni se preparando para cobrar falta ao lado de Ricardinho e comemorando com os companheiros seu gol diante do Atlético-MG (acima)

Com gols de Kléber e Rogério Ceni, o São Paulo caminhava para a vitória sobre o Atlético-MG. Aos 47 minutos do segundo tempo, porém, Fábio Júnior empatou

São Paulo 1 X 0 Paysandu

29º JOGO

SÃO PAULO

Rogério; Fábio Simplício, Jean, Júlio Santos e Fabiano; Adriano, Carlos Alberto (Leonardo), Gustavo Nery e Ricardinho (Marcos Antonio); Kléber e Luís Fabiano **Técnico:** Roberto Rojas

PAYSANDU

Carlos Germano; Thiago, Jorginho, André Dias e Luís Fernando; Sandro, Vanderson, Magnum (Jairo) e Vélber (Zé Augusto); Aldrovani e Júnior Amorim (Cristiano) **Técnico:** Ivo Wortmann

Gol: Luís Fabiano, aos 22min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Carlos Alberto; Vélber e Thiago • **Juiz:** Márcio Rezende de Freitas • **Data:** 30/08/03 (sábado) • **Local:** Estádio Benedito Teixeira, São José do Rio Preto (SP)

Figueirense 2 X 2 São Paulo

30º JOGO

FIGUEIRENSE

Édson Bastos; Paulo Sérgio, Márcio Goiano, Cléber e Triguinho; Luís Fernando (Danilo Santos), Jeovânio (Sandro Hiroshi), Fernandinho e Bilú; William e Sandro Gaúcho **Técnico:** Luiz Carlos Ferreira

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Leonardo (Rico), Jean, Júlio Santos e Fabiano; Adriano, Fábio Simplício, Gustavo Nery e Ricardinho; Luís Fabiano e Kléber **Técnico:** Roberto Rojas

Gols: Triguinho aos 38min do primeiro tempo; Luís Fabiano aos 29min, Adriano aos 33min e Sandro Gaúcho aos 38min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Bilu, Paulo Sérgio, William e Luís Fernando; Fabiano, Kléber, Gustavo Nery, Fábio Simplício, Leonardo, Luís Fabiano e Júlio Santos • **Cartão vermelho:** Jean • **Juiz:** Vágner Tardeli Azevedo • **Data:** 14/09/03 (domingo) • **Local:** Estádio Orlando Scarpelli, Florianópolis (SC)

São Paulo 2 X 2 Atlético-MG

31º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Leonardo, Diego Lugano, Júlio Santos e Fabiano (Galo); Adriano, Carlos Alberto, Marcos Antonio (Alexandre) e Ricardinho; Luís Fabiano e Kléber (Rico) **Técnico:** Roberto Rojas

ATLÉTICO-MG

Velloso; Scheidt (Juninho), Luiz Alberto e André Luiz; Ionaldo, Hélcio, Marcelo Silva, Lúcio Flávio (Paulinho) e Marquinhos; Alex Alves (Quirino) e Fábio Júnior **Técnico:** Marcelo Oliveira

Gols: Alex Alves aos 8min, Kléber aos 22min e Rogério Ceni aos 25min do primeiro tempo; Fábio Júnior aos 47min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Kléber, Leonardo, Diego Lugano e Marcos Antonio; André Luiz, Fábio Júnior e Scheidt • **Juiz:** Jorge Fernando Rabello • **Data:** 21/09/03 (domingo) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

→ O time santista venceu, mas houve **IRREGULARIDADE** nos dois lances que originaram seus gols. Luís Fabiano descontou para o São Paulo



São-paulinos festejando o gol de Fábio Simplício (com o braço estendido) contra o Grêmio.

São Paulo 3 X 1 Grêmio

33º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Gabriel, Jean, Diego Lugano e Fabiano; Alexandre, Fábio Simplício, Carlos Alberto e Marcos Antonio (Rico); Kléber e Luís Fabiano **Técnico:** Roberto Rojas

GRÊMIO

Danrlei; Anderson Lima, Baloy, Roger e Gilberto; Marcos Paulo (Bruno), Tinga, Leanderson e Caio (Elton); Cláudio Pitbull (Marcelinho) e Christian **Técnico:** Adilson Batista

Gols: Fábio Simplício aos 15min, Kléber aos 19min, Anderson Lima aos 35min e Jean aos 44min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Jean; Baloy, Tinga e Elton • **Cartão vermelho:** Kléber • **Juiz:** Wilson de Souza Mendonça • **Data:** 27/09/2003 (sábado) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

No dia 27 de setembro, pela 33ª rodada do Brasileirão, o São Paulo venceu o Grêmio no Morumbi com gols de Fábio Simplício, Kléber e Jean

Paraná 4 X 2 São Paulo

32º JOGO

PARANÁ

Darci; Valentin, Cristiano Ávalos, Ageu e Fabinho; Fernando Miguel, Pierre, Marquinhos (Rodrigo Silva) e Fernandinho; Caio (Emerson) e Renaldo (Maurílio) **Técnico:** Saulo de Freitas

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Leonardo (Aílton), Jean, Júlio Santos e Gustavo Nery (Gabriel); Adriano, Carlos Alberto, Fábio Simplício e Ricardinho; Luís Fabiano (Rico) e Kléber **Técnico:** Roberto Rojas

Gols: Luís Fabiano aos 31min, Marquinhos aos 34min e Luís Fabiano aos 41min do primeiro tempo; Renaldo aos 14min e aos 27min, Fernandinho aos 34min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Fernandinho, Caio, Fabinho, Pierre e Emerson; Ricardinho, Leonardo, Adriano, Gabriel e Júlio Santos • **Juiz:** Alicio Pena Júnior • **Data:** 24/09/03 (quarta-feira) • **Local:** Estádio Couto Pereira, Curitiba (PR)

São Paulo 1 X 2 Santos

34º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Gabriel (Galo), Júlio Santos, Diego Lugano e Fabiano; Adriano, Carlos Alberto, Fábio Simplício e Ricardinho (Fábio Santos); Diego Tardelli (Rico) e Luís Fabiano • **Técnico:** Roberto Rojas

SANTOS

Fábio Costa; Reginaldo Araújo (Fabiano), Alex, André Luís e Léo; Daniel (Alexandre), Renato, Elano e Diego; Robinho e William • **Técnico:** Emerson Leão

Gols: William aos 37min do primeiro tempo; William aos 10min e Luís Fabiano aos 21min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Fábio Simplício e Diego Lugano; Reginaldo Araújo, Daniel, Diego, Elano e Alexandre • **Cartão vermelho:** Carlos Alberto • **Juiz:** Paulo César de Oliveira • **Data:** 04/10/03 (sábado) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Bahia 3 X 0 São Paulo

35º JOGO

BAHIA

Emerson; Guto, Marcelo Souza, Valdomiro e Lino; Neto, Preto, Otacílio e Possato; Jean Carlos (Nonato) e Didi (Danilo) **Técnico:** Lula Pereira

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Júlio Santos (Fábio Santos), Jean e Diego Lugano; Gabriel (Diego Tardelli), Adriano (Alexandre), Fábio Simplício, Ricardinho e Fabiano; Kléber e Luís Fabiano **Técnico:** Roberto Rojas

Gols: Preto aos 12min do primeiro tempo; Guto aos 23min e Danilo aos 44min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Diego Lugano, Fábio Santos e Adriano; Otacílio • **Juiz:** Heber Roberto Lopes • **Data:** 08/10/2003 • **Local:** Estádio da Fonte Nova, Salvador (BA)



Diego Tardelli vencendo Fábio Costa no clássico diante do Santos

→ Ao empatar com a equipe do Fluminense no Morumbi, o **SÃO PAULO** garantiu sua permanência na Copa Sul-Americana

Corinthians 0 X 3 São Paulo

36º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Diego Lugano, Jean e Gustavo Nery (Diego Tardelli); Gabriel, Alexandre, Carlos Alberto, Fábio Simplício, Ricardinho (Adriano) e Fabiano; Luís Fabiano • **Técnico:** Roberto Rojas

CORINTHIANS

Rubinho; Coelho, Anderson, Marquinhos e Moreno (Vinícius); Fabinho, Pingo (Jô), Robert (Jamelli) e Renato; Abuda e Gil • **Técnico:** Júnior

Gols: Diego Tardelli aos 31min, Carlos Alberto aos 42min e Fábio Simplício, aos 45min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Alexandre, Fábio Simplício e Lugano; Gil, Marquinhos e Fabinho • **Cartões vermelhos:** Luís Fabiano; Abuda • **Juíza:** Silvia Regina de Oliveira • **Data:** 12/10/03 (domingo) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Goiás 3 X 1 São Paulo

37º JOGO

GOIÁS

Rodrigo Calaça; Cléber, Fabão, João Paulo e Esquerdinha; Josué, Simão (Michel) e Marabá; Grafite, Dimba e Araújo (Wando) • **Técnico:** Cuca

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Gabriel, Edcarlos, Jean e Fabiano; Adriano (Fábio Santos), Carlos Alberto, Fábio Simplício e Ricardinho; Kléber e Diego Tardelli • **Técnico:** Roberto Rojas

Gols: Grafite aos 18min e Araújo aos 37min do primeiro tempo; Fábio Simplício aos 7min e Dimba aos 10min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Cléber, Marabá e Esquerdinha; Jean e Carlos Alberto • **Juiz:** Luís Antônio Silva Santos (RJ) • **Data:** 18/10/03 (sábado) • **Local:** Estádio do Serra Dourada, Goiânia (GO)

São Paulo 3 X 3 Guarani

38º JOGO

SÃO PAULO

Rogério; Gabriel, Jean, Diego Lugano e Fabiano; Carlos Alberto (Adriano), Alexandre, Fábio Simplício e Ricardinho (Fábio Santos); Kléber e Luís Fabiano • **Técnico:** Roberto Rojas

GUARANI

Jean; Ruy, Juninho, Bruno Quadros e Alex; Emerson, Leandro Guerreiro, Simão, Dinélson (Marquinhos); Wágner e Rafael Silva (Rodrigão) • **Técnico:** Barbieri

Gols: Luís Fabiano aos 9min e Fábio Simplício aos 11min do primeiro tempo; Wagner aos 5min, Rafael Silva aos 9min, Luís Fabiano aos 19min e Rodrigão aos 49min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Fábio Simplício; Ruy • **Juiz:** Anselmo da Costa • **Data:** 23/10/03 (quinta-feira) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

São Caetano 0 X 1 São Paulo

39º JOGO

SÃO CAETANO

Silvio Luiz; Dininho (Thiago), Gustavo e Serginho; Mineiro, Marcelo Mattos (Somália), Fábio Santos, Marcinho e Zé Carlos (Elivélton); Warley e Adhemar • **Técnico:** Tite

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Gabriel, Jean, Lugano e Fábio Santos; Alexandre, Carlos Alberto, Gustavo Nery e Ricardinho; Kléber e Luís Fabiano • **Técnico:** Roberto Rojas

Gol: Luís Fabiano aos 2min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Alexandre, Kléber, Adriano, Fábio Santos, Gustavo Nery e Carlos Alberto; Serginho, Dininho e Gustavo • **Juiz:** Luís Marcelo Vicentin Cansian • **Data:** 26/10/2003 (domingo) • **Local:** Estádio Anacleto Campanella, São Caetano (SP)

Sul-Americana



FOTOS RUBENS CHIRI

Com a entrada de Fabiano (foto) no lugar de Júlio Santos contra o Fluminense, o Tricolor paulista passou a ser mais ofensivo. O gol de Lugano nasceu de um cruzamento do lateral

São Paulo 1 X 0 Fluminense

1º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Leonardo (Carlos Alberto), Jean, Júlio Santos e Fabiano; Adriano, Fábio Simplício, Gustavo Nery (Marcos Antonio) e Ricardinho; Kléber (Rico) e Luís Fabiano • **Técnico:** Roberto Rojas

FLUMINENSE

Fernando Henrique; Jancarlos, César, Rodolfo e Jadílson (Rodrigo Tiuí); Marcão, Sidney, Diego, Zada (Joãozinho) e Carlos Alberto; Sorato (Lopes) • **Técnico:** Joel Santana

Gols: Kléber aos 37 segundos do primeiro tempo • **Cartões Amarelos:** Carlos Alberto; Fábio Simplício e Carlos Alberto • **Cartão Vermelho:** Luís Fabiano • **Juiz:** Wilson S. de Mendonça • **Data:** 17/09/03 (quarta-feira) • **Estádio:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

São Paulo 1 X 1 Fluminense

2º JOGO

FLUMINENSE

Fernando Henrique; Jancarlos (Zada), César, Rodolfo e Jadílson; Marcão, Sidney, Lopes e Carlos Alberto; Joãozinho e Sorato (Rodrigo Tiuí) • **Técnico:** Joel Santana

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Jean, Diego Lugano e Júlio Santos (Fabiano); Fábio Simplício, Adriano, Carlos Alberto, Ricardinho e Fábio Santos; Kléber e Rico (Diego Tardelli) • **Técnico:** Roberto Rojas

Gols: Jadílson aos 21min do primeiro tempo; Lugano aos 35min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Rico, Fábio Santos, Kléber e Fabiano; Zada • **Cartão vermelho:** Sidney • **Juiz:** Carlos Eugênio Simon • **Data:** 01/10/03 (quarta-feira) • **Local:** Estádio do Maracanã, Rio de Janeiro (RJ)



www.pittibrant.com.br

"...as tuas glórias vêm do passado!"

(e se você colaborar com a
campanha "Nosso lance é a educação"
da Fundação Gol de Letra, virão
do presente e do futuro também)



Fundação Gol de Letra
Nosso lance é a educação

Apoio:



O hino já diz: o São Paulo é um clube de glórias. E não há nada mais glorioso do que ajudar a transformar, pela cidadania, a realidade de muitas crianças e adolescentes. Com a campanha "Nosso lance é a educação", o SPFC firmou parceria com a Fundação Gol de Letra e convoca você, são-paulino, a marcar um gol pela educação. Ligue para 6262-2009 - Ramal: 216 - ou acesse www.goldeletra.org.br, e colabore.



Fundação
GOL DE LETRA

SÓCIO-TORCEDOR

Ajudando a construir uma grande equipe

POR MEIO DO PROJETO SÓCIO-TORCEDOR, O SÃO PAULO PROMOVE DESDE 1999 UM PROGRAMA QUE VISA ESTREITAR O RELACIONAMENTO



Não é novidade nenhuma que, nos últimos anos, o número de torcedores do São Paulo cresceu muito em todo o território nacional. Dados divulgados por pesquisas especializadas, como o Datafolha, indicam que o Tricolor do Morumbi ocupa hoje a terceira colocação no ranking das maiores torcidas do País.

Para que se tenha uma idéia, em 1983 a nação tricolor era a sétima maior do Brasil. Embalsada pelas conquistas dos anos 80 e pelo superlime bicampeonato mundial do início dos 90, somos atualmente uma das maiores do Brasil. Ficamos atrás apenas do Flamengo e Corinthians.

Desde 1999, o São Paulo promove, por meio do projeto Sócio-Torcedor, um programa de relacionamento entre o clube e os seus apaixonados torcedores. Essa maneira de estreitar tal vínculo vem ganhando adeptos em todo o Brasil. E, apesar de a economia nacional manter-se estagnada e nem todo mundo poder contribuir com uma pequena parcela, principalmente no Estado de São Paulo, onde o desemprego chega a uma taxa de 20%, atualmente o clube conta com o elevado número de 13 mil inscritos. "Além das vantagens oferecidas, esses torcedores sabem que, ao se tornarem um sócio-torcedor, podem ajudar o clube, participando de maneira mais

efetiva na formação de grandes equipes. É pura paixão", garante Francisco Hélio dos Santos, que, desde 2001, um dos responsáveis pelo projeto.

Para Luiz Celso de Piratininga, diretor de Comunicações do São Paulo, esse projeto pode ser, a médio prazo, a redenção econômica não apenas do Tricolor como também a de outros clubes de massa. Segundo ele, se o time do Morumbi, um dia, chegar a marca de 100 mil sócios, tornar-se-á uma receita independente de outras receitas, cada vez menores e sujeitas a variações perturbadoras. "Mas, no momento, nossa meta é de 20 mil. Se o São Paulo continuar bem no Campeonato Brasileiro, chegaremos lá. Depois, é trabalhar duro para elevar esse número para patamares mais ambiciosos", declara.

Alguns clubes europeus, como os espanhóis Barcelona e Real Madrid, já têm em suas torcidas sua maior fonte de receita. A equipe catalã chega ao ponto de não estampar em sua camisa nenhuma marca de patrocinadores. Essa renda advém da contribuição de mais de 100 mil sócios, que têm papel decisivo na formação e manutenção

CURIOSIDADE

O Tricolor tem sócios torcedores de todos os lugares do Brasil. Depois de São Paulo, o Estado de Minas Gerais faz o segundo lugar no ranking dos que contam com maior número de inscricoes, seguido por Paraná e Bahia. Além disso, o clube tem sócios torcedores nos EUA e no Japão. Desse embalo em contato pelo site, há a intermediação feita por parentes que moram aqui. Como residem no exterior, a primeira vantagem que têm é o recebimento de produtos muito mais baratos e de informativos.



À frente, sócio-torcedor mirim entre Rico (à esp.) e Fabiano; atrás (de esp. para a dir.) Jean, Leonardo Moura e Júlio Santos; ao fundo, Adriano

REPRODUÇÃO

Projeto Sócio-Torcedor rende prêmio ao clube do Morumbi



São Paulo é Marketing Best 2003

O São Paulo Futebol Clube conquistou no mês de outubro o Marketing Best 2003. Conceituada premiação do setor, trata-se de uma das chancelas mais cobiçadas no mercado de Propaganda e Marketing do País. Eleito ao lado de empresas como Bradesco, Vale do Rio Doce, Itaú, Vivo e Petrobrás, o Tricolor tornou-se o primeiro clube de futebol brasileiro a receber tal honraria em virtude de seu projeto Sócio-Torcedor.

Para Marcelo Portugal Gouvêa, presidente do São Paulo, a distinção comprova o vanguardismo do clube. "O sucesso do projeto Sócio-Torcedor nos revigora para que continuemos implementando um caráter cada vez mais profissional e transparente em nossas ações", disse. Luiz Celso de Piratininga, diretor de Comunicações do Tricolor e responsável pelo projeto Sócio-Torcedor, também enxerga nessa vitória um passo importante na consolidação de uma nova mentalidade no futebol nacional. "Essa conquista é de toda a nação são-paulina. Desde aquele sócio-torcedor de cidades do interior de Estados, como Amapá e Rondônia, até o presidente Marcelo Portugal Gouvêa, que

sempre acreditou no projeto", ressaltou o dirigente.

O projeto Sócio-Torcedor nasceu em 1999 com a intenção de criar uma rede de benefícios são-paulinos, proporcionando ao clube uma renda mensal alternativa às já existentes como bilheteria, direitos de TV e venda de jogadores. Paralelamente, a intenção era, a longo prazo, levar o torcedor e sua família de volta aos estádios, oferecendo conforto e segurança.

A grande arrancada do Projeto Sócio-Torcedor aconteceu a partir de 2002 com a posse da atual diretoria. Em setembro do ano passado, a arrecadação do Programa saltou de 31 mil reais mensais para 92 mil reais em setembro de 2003, projetando uma receita anual de mais de R\$ 1 milhão. O banco de dados de cadastrados também saltou de 5 mil para 15 mil sócios-torcedores inscritos. "Temos plena consciência do momento conturbado que vive nossa economia. Mas acreditamos que, nos próximos anos, o Projeto Sócio-Torcedor se transforme numa das principais alavancas de arrecadação do São Paulo", finalizou Piratininga.

O ministro do Esporte, Agnelo de Queiroz (de branco): gol em favor dos menos privilegiados



RUBENS CHIRI

Na luta contra a fome

O clássico entre São Paulo e Corinthians, realizado em 12 de outubro, no Morumbi, fez parte da rodada em prol da Campanha Fome Zero, implementada pelo governo federal. O torcedor que foi ao Estádio assistir ao confronto contribuiu levando um quilo de alimento não perecível.

Houve também uma partida preliminar beneficente que contou com a presença de personalidades e ex-craques são-paulinos e corinthianos. A partida terminou empatada por 1 a 1, com direito a gol do ministro dos Esportes, Agnelo de Queiroz, para o Tricolor.

Na voz de Paulo Planet



Sacrifícios para equilibrar as finanças do clube

REPRODUÇÃO

Até pouco tempo atrás vivia o São Paulo de resto, como praticamente todos os clubes brasileiros da primeira divisão, já que em relação à segunda as coisas estão ainda em pior situação, dada a sua inatividade, um momento particularmente difícil em relação às suas finanças, à sua situação econômica.

Duas iniciativas, de enorme sacrifício, mas inevitáveis, que exatamente demonstraram a clarividência e o tino administrativo da diretoria, em particular do presidente Marcelo Portugal Gouvêa, permitiram, contudo, que o nosso Tricolor saísse do sufoco em que se encontrava, podendo, agora, respirar e ainda tomar iniciativas marcantes no benefício da agremiação. Estamos nos referindo à venda dos passes do Kaká e do Júlio Baptista, o primeiro para o futebol italiano e o segundo para a Espanha. Sacrifício porque, claro, pelo menos em relação a Kaká, jogador de seleção, sempre fará falta ao nosso conjunto. Mas era vontade dele e, além do mais, se não fosse vendido agora e no ano que vem iria simplesmente de graça, pois assim dizia o seu contrato. Se bem que, felizmente, o São Paulo continua produzindo craques e vários deles já se encontram mostrando suas qualidades no time principal. Apenas precisamos ter paciência, a mesma paciência que tivemos com o próprio Kaká!

São as contingências, as dificuldades presentes do futebol brasileiro que não se organiza adequadamente, não valoriza seus certames, nem mesmo em relação ao que recebe das emissoras de televisão, ao contrário do que sucede na Europa, onde as transmissões são pagas a peso de ouro.

Também em relação ao nosso estádio, estamos, aos poucos, cuidando de valorizá-lo, de dar-lhe mais importância. E assim caminha o nosso São Paulo, como sempre, no rumo do seu maravilhoso destino.



Paulo Planet Buarque é membro vitalício do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, do qual foi presidente duas vezes.

EPOPÉIA DO MORUMBI

“Jamais vacilastes no cumprimento do fantástico programa”

Por Agnelo Di Lorenzo

Capítulo III - Parte 2

E não faltam aqui, por mercê de Deus, os que se deixaram atrair-se pelo fascínio do tricolor em tempos mais recentes, já sob a égide do monumental Estádio “Cícero Pompeu de Toledo”, quer no seu nascedouro, como projeto, quer no portentoso espetáculo arquitetônico engastado na paisagem urbana da metrópole.

Portanto, Presidente Laudo Natel, não erro nem me equivoque quando digo que o São Paulo FC está aqui, cercado de são-paulinos por todos os lados, são-paulinos que se envaidecem de vossa amizade, trazendo-vos unanimidade de um julgamento irrecorrível: o de que soubestes, deveras, ao longo dos 20 anos de vossa profícua gestão, somar e aglutinar, incorporando forças às vezes distintas, mas não estanques.

Com o pensamento voltado para o superior interesse do São Paulo FC, conseguistes o quase milagre da união. Pouco importa que vez por outra surgissem discordâncias, ou

que polêmicas episódicas movimentassem o pleno exercício de vossas atribuições. Elas nunca vos visaram – a vós, que fizestes de cada um, um amigo – e, pois, não vos atingiram. Eram manifestações válidas, porque saudáveis, de um organismo vivo, estuante de vigor. E afinal, Presidente, desse intercâmbio democrático de pontos de vistas divergentes é que brotaram, sob o vosso comando, as conquistas imperecíveis do nosso clube.

Ouvi de vos, com emoção, em oportunidade para mim tão grata (a do jantar com que me distinguiram, e ao qual comparecestes para me honrar com o prestígio de vossa presença), ouvi de vós que também, eu, “irrequieto, porém idealista”, fora chamado a trabalhar convosco na diretoria do São Paulo FC, e atendera de pronto a esse convite. Na verdade, em termos de dirigentes, estamos juntos desde 1957. E o meu, como sabeis, não constitui um caso isolado.

Dissestes na vossa carta de afastamento voluntário da Presidência: “Acredito que possa ter cometido equívocos. Em nenhum momento tive vacilações”.

Não concordo com a primeira, mas proclamo a procedência da segunda frase. De fato, não vacilastes no cumprimento do amplo, generoso, quase fantástico programa que vos impusestes: na concretização das elogiáveis ambições tricolores alimentadas pelo nosso saudoso Cícero Pompeu de Toledo. Vossa obra administrativa é suficiente para

consagrar qualquer história, de qualquer lugar do globo. Aí está o nosso complexo poliesportivo, e abrigado em casa própria, que não é casa, porque é palácio: O Estádio do Morumbi. Estão aí, nos anais, os títulos que lograstes trazer para o patrimônio tricolor. E, sobretudo, aí está a grande família são-paulina, reunida em torno de vós, numa afirmação

enfática de que sois o chefe e amigo, e chefe e amigo querido continuareis a ser, “par droit de conquête”.

Nestes dois últimos anos, presidente, cumpri o que me impunha o dever estatutário. Procurei substituir-vos, exercendo interinamente a presidência. Mas faço questão de afirmar que, nesse período, busquei ser um reflexo espontâneo e, portanto, fiel das vossas diretrizes, da vossa filosofia de trabalho, da vossa maneira de encarar as responsabilidades do posto. No cargo supremo da nossa grei, mirei-me no espelho do vosso exemplo, procurando sintonizar

minha ação com a herança que vós legastes ao clube. Não inovei, nem o quis fazer.

Recompensa maior não haveria, para mim, senão essa: a de ter seguido vossa orientação, por achá-la certa, e dirigida no caminho exato. Aliás, entre são-paulinos cujos corações pulsam em uníssono pelo nosso grêmio, não teria mesmo sentido uma divergência qualquer, na escolha da estrada a palmilhar. Acresce notar que essa estrada era a do roteiro que imperava, e continuou imperando nestes dois últimos anos, porque nascido de um somatório de experiências, felizmente representadas por sucessos e por êxitos.

Presidente, não direis, deveras, adeus aos são-paulinos que vos apóiam, como escrevestes na vossa carta. Mas também não retornareis, como consta do documento, ao vosso lugar de origem, entre a torcida. Acontece que vossas insígnias de comandante não vos concedem o direito de voltardes no tempo, nem na carreira. Vosso bastão passará, porque assim o desejais, a outro punho. Mas uma réplica desse símbolo de chefia permanecerá sempre convosco, presidente – e será também guardada na gratidão e na estima que lhe devotam os são-paulinos de ontem, de hoje e de amanhã. São-paulinos que vos dizem, pela minha voz, eles, os vossos amigos são-paulinos: até sempre, presidente!

Discurso proferido pelo Dr. Henri Couri Aidar em 10 de abril de 1972



Sócios-torcedores viajam com a delegação

Marcelo Sacavem e Edirlei Alves Feitosa, contemplados da promoção do projeto Sócio-Torcedor, vão guardar com carinho as lembranças de bons momentos vividos ao lado de seu time do coração. No dia 24 de setembro, os felizardos estiveram em Curitiba (PR), acompanhando a delegação são-paulina no jogo contra o Paraná. No embarque, juntaram-se a diretores e conselheiros do clube, além de jogadores e comissão técnica. Chegando à cidade paranaense, a delegação visitou a loja do Habib's. Sacavem e Feitosa comeram ao lado de Luís Fabiano, Rogério Ceni, Ricardinho, Gustavo Nery, Roger e Rojas, entre outros.



Além disso, os garotos aproveitaram o tempo livre para fazer um passeio cultural pela cidade, visitar os pontos turísticos e descansar. Antes da partida, os sócios-torcedores ainda tiveram a chance de conhecer Marcelo Portugal Gouvêa, presidente do clube, e conversar com ele.

No estádio Couto Pereira, os dois assistiram ao duelo na tribuna, acompanhados da diretoria tricolor. Na volta, falaram sobre a viagem. "Foi melhor do que eu esperava", disse Sacavem. "Acompanhar nosso time do coração de perto e estar ao lado dos jogadores são o melhor presente para quem é tricolor desde criança", concluiu Feitosa.

Thiago Medeiros e Helber Kamiyama também tiveram a oportunidade de viajar com a equipe tricolor. Os sócios-torcedores estiveram em Goiânia assistindo a São Paulo e Goiás, dia 18 de outubro, no Estádio Serra Dourada.

Mascote "São Paulo" faz a festa da torcida

Um simpático mascote foi apresentado à torcida na partida do dia 21 de setembro, entre São Paulo x Atlético MG, pelo Campeonato Brasileiro. Trata-se do "São Paulo", um boneco que, além de animar os torcedores, divulga também o Projeto Sócio-Torcedor. Ele está sempre presente aos jogos do Tricolor, no Estádio do Morumbi.

São Paulo: presença garantida nos jogos do Morumbi

RUBENS CHIRI

O ano em que o São Paulo não caiu

O futebol é um esporte que envolve paixão. Disso todo mundo sabe. Às vezes, por conta desse sentimento que se apodera dos torcedores, os fatos são distorcidos para ganhar mais dramaticidade, ainda que passem longe da realidade.

Só isso explica a versão, equivocada, de que o São Paulo Futebol Clube teria sido rebaixado em 1990. Tal história ganhou força na imprensa e fez as torcidas rivais se deliciarem.

A **Revista Oficial do São Paulo** esclarece definitivamente o episódio. No regulamento daquela competição, constava o seguinte artigo:

"Art. 50 § 1º - Para o Campeonato da primeira divisão de futebol profissional de 1991, o grupo I será constituído pelas 14 associações classificadas para disputar a quarta fase do Campeonato de 1990 e o grupo II será constituído pelas dez associações restantes que não se classificaram para a quarta fase e mais quatro advindas da divisão especial de 1990."

A verdade é que o Tricolor, com um elenco reformulado que viria a ser a base da equipe bicampeã mundial, não fez uma boa campanha em 1990. E, portanto, não ficou entre os times que disputaram a fase final do Paulistão daquele ano.

Ainda assim, na classificação geral do Campeonato Paulista, o São Paulo ficou com a 15ª posição. Ou seja, à frente de outras nove agremiações.

No ano seguinte, coube ao Tricolor compor o grupo II com os mesmos nove clubes que não haviam se classificado entre os 14 melhores e mais os quatro que foram promovidos à primeira divisão por se classificarem respectivamente nos quatro primeiros lugares da divisão de acesso em 1990.

O regulamento de 91 previa ainda que os campeões dos grupos I e II se enfrentariam na grande final. O São Paulo, como o vencedor de seu grupo, acabou jogando com o Corinthians e vencendo.

A história de que o Tricolor do Morumbi foi rebaixado em 1990 e disputou a segunda divisão em 91 não condiz com a verdade. E, como diz a velha máxima, contra fatos não há argumentos.

CAMPANHA DO TRICOLOR EM 1990
Classificação geral **15º**

Jogos	Pontos	Vitórias	Empates	Derrotas	Gols Pró	Gols Contra	Saldo
33	36	13	10	10	41	26	15

CLASSIFICAÇÃO POR GRUPOS DO CAMPEONATO PAULISTA DE 1990

GRUPO 1 - TIMES CLASSIFICADOS

	P	J	V	E	D	GP	GC	SG
1 Corinthians	33	23	11	11	1	21	7	14
2 Palmeiras	31	23	13	5	5	31	12	19
3 Bragantino	28	23	11	6	6	26	14	12
4 Santos	25	23	7	11	5	18	15	3
5 Mogi-Mirim	25	23	6	13	4	23	20	3
6 Portuguesa	25	23	5	15	3	24	20	4
7 Novorizontino	25	23	8	9	6	26	19	7

REPESCAGEM

8 São Paulo	23	23	8	7	8	22	17	5
9 União São João	23	23	7	9	7	22	17	5
10 Guarani	23	23	6	11	6	18	15	3
11 São José	22	23	5	12	6	20	26	6
12 Internacional	19	23	5	9	9	19	27	8

P = pontos
J = jogos
V = vitórias
E = empates
D = derrotas
GP = gols pró
GC = gols contra
SG = saldo de gols

GRUPO 2 - TIMES CLASSIFICADOS

	P	J	V	E	D	GP	GC	SG
1 XV de Piracicaba	27	23	9	9	5	21	15	6
2 XV de Jaú	26	23	11	4	8	29	25	4
3 Ferroviária	25	23	9	7	7	26	21	5
4 Ituano	25	23	9	7	7	18	17	1
5 América	25	23	9	7	7	17	24	7

REPESCAGEM

6 Botafogo	23	23	6	11	6	21	21	0
7 Ponte Preta	23	23	7	9	7	23	22	1
8 São Bento	18	23	6	6	11	24	27	3
9 Noroeste	17	23	5	7	11	18	29	11
10 Juventus	15	23	4	7	12	18	36	18
11 Santo André	13	23	4	5	14	15	33	18
12 Catanduense	13	23	4	5	14	12	33	21

Mais informações, consulte o site da Federação Paulista de Futebol, www.fpf.org.br.

Seleção das escolas licenciadas no Estádio de Sendai



DIVULGAÇÃO

Escola de craques

No início de outubro, uma seleção de jogadores das escolas licenciadas São Paulo Futebol Center rumou ao Japão para disputar os torneios I Copa Vegalta, XI Takamoto Wonder Cup e XI Torneio de Integração de Futebol Mogami. Na volta, três títulos na bagagem. Os atletas, 16 alunos nascidos em 1992, foram escolhidos por profissionais do Tricolor depois de passarem por avaliações técnicas realizadas nas próprias escolas durante o primeiro semestre do ano. O São Paulo começou sua saga em terras japonesas com êxito.

Mesmo jogando com adversários em média dois anos mais velhos, conquistou o título da Copa Vegalta, ocorrida entre os dias 4 e 5 de outubro na cidade de Sendai.

Depois, o selecionado tricolor também sagrou-se campeão do XI Takamoto Wonder Cup, em 12 de outubro, ao golear o Tajiri por 6 a 0. Além do Tricolor e a equipe com a qual disputou a final, participaram do torneio os times do Furukawa, Miyagi, Fukushima, Coração e Yamagata. Na classificação geral, o São Paulo ficou em primeiro lugar com 16 pontos, seguido por Miyagi com 13 e Fukushima com 12. Renan foi o artilheiro da equipe na competição com 13 gols.

Encerrando a maratona no Japão, o São Paulo conquistou ainda o XI Torneio de Integração, disputado entre 18 e 19 de outubro. No primeiro dia, os brasileiros golearam o Ôbori por 11 a 0 e a equipe do Mogami por 7 a 0. No segundo, o adversário foi a seleção Miagi e o placar, 15 a 0 para o Tricolor.

Apesar da agenda cheia, a delegação ainda teve tempo de fazer alguns passeios. Os são-paulinos visitaram as prefeituras de Nakada e de Mogami, o museu de Masamune Date em Matsushima, o Castelo de Aoba em Sendai, o palácio do governo em Furukawa e a escola de aventura Mitsuo Oba, entre outros lugares.

A delegação campeã foi chefiada por José Roberto Canassa, teve a coordenação técnica de José Roberto Calicchio, o acompanhamento do diretor-adjunto de futebol João Fernando Ruggiero e do médico Carlos Fernando Reina.

Participaram das conquistas os seguintes atletas: Augusto César, Caio Barbosa, Cléber Figueiredo, Diego Teodoro, Ewerton da Silva, Felipe Martins, Gabriel Faria, Jonathan Pereira, Luiz Eduardo, Mailton Pereira, Michel Denis, Miguel Antônio, Paulo Daniel, Paulo Henrique, Renan Fernandes e Thiago Bueno. O técnico é Antônio Rodrigues.

I COPA VEGALTA

São Paulo 3 X 0 Vegalta
São Paulo 1 X 0 Tomigaoka
São Paulo 2 X 1 Moniwadai

Semifinais

São Paulo 4 X 0 Sendai

Final

São Paulo 5 X 0 Sendai

XI TAKAMOTO WONDER CUP

São Paulo 8 X 0 Yamagata
São Paulo 1 X 0 Fukushima

São Paulo 11 X 0 Coração
São Paulo 10 X 0 Furukawa

XI TORNEIO DE INTEGRAÇÃO DE FUTEBOL MOGAMI

São Paulo 11 X 0 Ôbori FC
São Paulo 15 X 0 Miagi

São Paulo 7 X 0 Mogami JFC



Fábio Santos: vencedor com a seleção Sub-18 na Copa Sendai

RUBENS CHIRI

São-paulinos conquistam título no Japão

Os são-paulinos Edcarlos, Fábio Santos e Diego Tardelli conquistaram, com a seleção brasileira Sub-18, o título da Copa Sendai, torneio que foi disputado no Japão.

Além do selecionado nacional, marcaram presença Itália, Japão e Tohoku. O Brasil terminou de forma invicta. Venceu as seleções de Tohoku (5 a 0) e do Japão (4 a 0) e empatou com a Itália (2 a 2). O saldo brasileiro foi de 9 gols.

Diego Tardelli, que serviu pela primeira vez à seleção, foi o artilheiro do campeonato. O são-paulino balançou as redes três vezes e foi contemplado com um troféu.



Raí (à esq.) e Sócrates: disputa solidária



Luís Fabiano e Careca (à dir.): encontro de craques

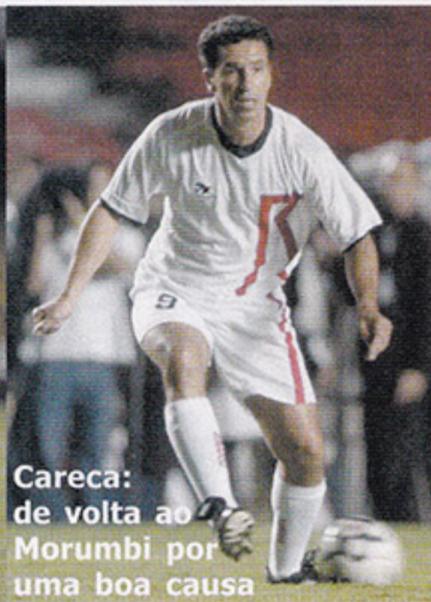
São Paulo Futebol Clube e Fundação Gol de Letra juntos pela educação

Na noite de 13 de outubro, o Estádio do Morumbi foi palco da partida beneficente "Amigos do Raí" x "Amigos do Sócrates". O evento foi uma das etapas do projeto "Nosso Lance é a Educação", idealizada pela Fundação Gol de Letra e pelo São Paulo Futebol Clube, que visa assistir crianças que carecem de educação. Em campo, os amigos de Sócrates, comandados por Washington Olivetto, e os amigos de Raí, dirigidos por Casagrande, encarregaram-se de dar o espetáculo. Vários ilustres e ex-craques vestiram a camisa da solidariedade. Entre eles, Leonardo, Zetti, Pintado, Ronaldão, Careca, Luís Fabiano, Rogério Ceni e Ricardinho de um lado e Viola, Paulo Sérgio, Biro-Biro, Vladimir e Neto do outro. Parecia uma reedição dos velhos clássicos entre São Paulo e Corinthians.

Além de toda essa galera da pesada, participaram do embate os sócios-torcedores do Tricolor Giuseppe Carbone e Semy Wagner, que até marcou gol. "Nunca imaginei que jogaria ao lado de Luís Fabiano. Com um passe dele, fiz um dos gols", disse. A partida teve momentos para todos os gostos. Zetti bateu falta e Rogério Ceni fez o dele. No final, o combinado de Sócrates venceu por 5 a 4. Raí fez questão de frisar as boas recordações que o Morumbi lhe traz. "É muito bom estar de volta a este gramado depois de três anos. Sempre que piso aqui tenho recordações inesquecíveis", disse. O ex-craque ainda agradeceu a presença de todos. "Estou feliz em poder contar com os jogadores neste momento", afirmou.



Rogério Ceni: o goleiro-artilheiro fez gol



Careca: de volta ao Morumbi por uma boa causa



Os Amigos de Raí: jogadores de várias gerações, além de famosos e torcedores

FOTOS RUBENS CHIRI



SEJA VOCÊ TAMBÉM UM SÓCIO-TORCEDOR



Sócio-Torcedor, vencedor
do Marketing Best 2003.



SÓCIO-TORCEDOR BRONZE

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor e
fita de vídeo institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR PRATA

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC e fita de vídeo
institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR OURO

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC
autografada e fita de vídeo
institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR MASTER

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC
autografada, fita de vídeo
institucional de SPFC e visita
ao Morumbi.

E MAIS: bilheteria exclusiva, sorteios, promoções, descontos em lojas credenciadas e 50% de desconto nos ingressos de jogos com mando do SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE no Morumbi.

www.saopaulofc.net
0800-120812

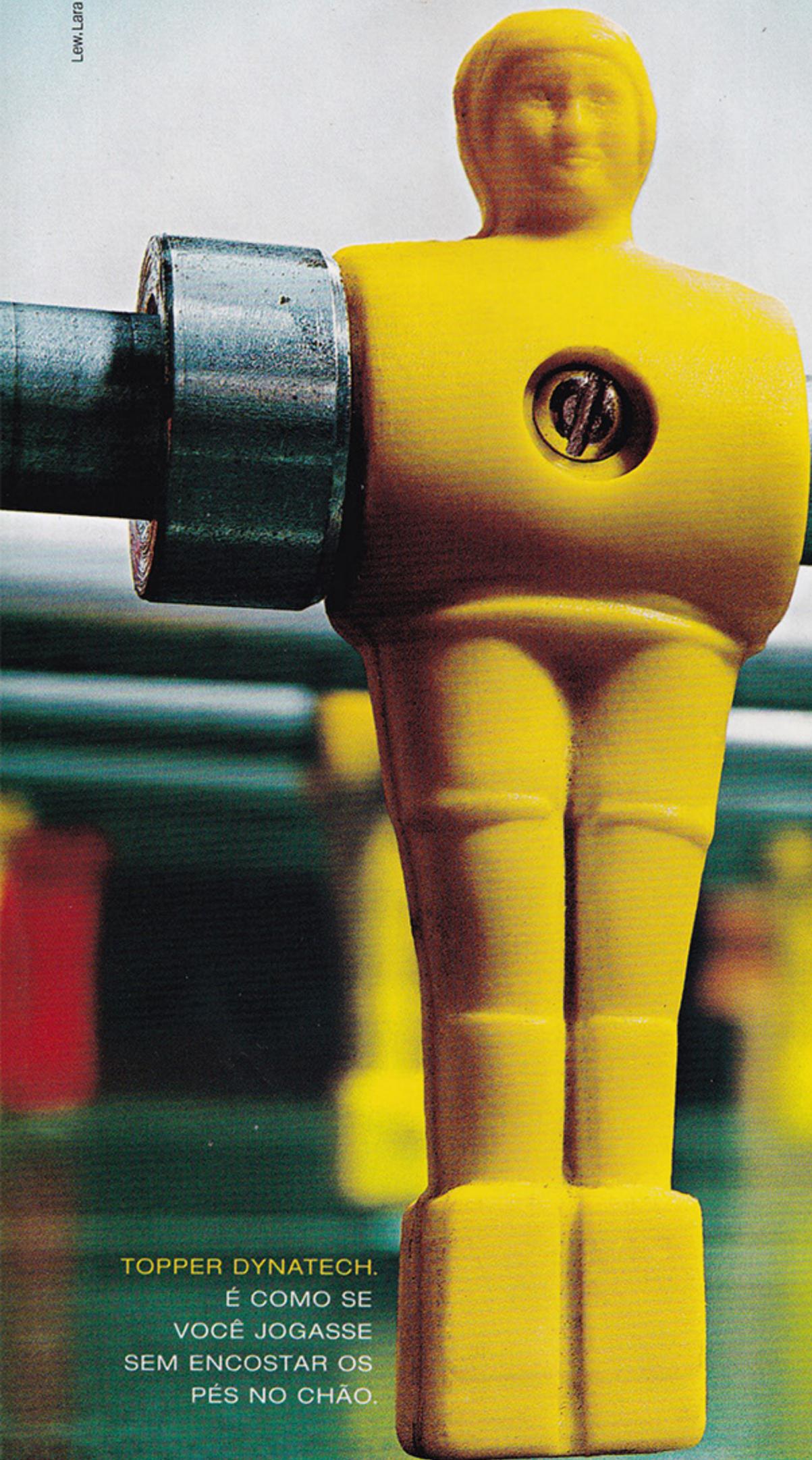


Lew. Lara



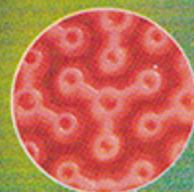
TOPPER

FUTEBOL É COISA SÉRIA



TOPPER DYNATECH.
É COMO SE
VOCÊ JOGASSE
SEM ENCOSTAR OS
PÉS NO CHÃO.

Dynatech.
A tecnologia
antiimpacto
da Topper.



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ